

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO XIV

HOMENAGEM AO DOUTOR PAULO MERÊA

VOLUME III



COIMBRA / 1974

Santa Iria e Santarém

Revisão de um problema hagiográfico e toponímico

RAZÕES DESTE ARTIGO

Tendo sido convidado a colaborar no volume I de FÂTJMA — HISTÓRIA E MISSÃO (*Estudos de crítica histórica*), com um artigo sobre Santa Iria, por haver talvez relação desta santa com a Cova da Iria, tive de rever o erudito estudo *Santa Iria e Santarém*, (publicado por Mons. Migudl de Oliveáim no tomo VII desta *Revista* (pp. 439-470) «e em *Lenda e Historia* —* *Estudos hagiográficos* (pp. 7-55);

O ilustre historiador mostrou que o termo *Sanctaeiren*, citado em documento do mosteiro de Moreira', de 18 de Outubro do ano 985, não era o étimo de Santarém, 'como se admitia, considerando-o um hagiotopónimo que viera substituir o primitivo nome da terra «*Scallabi castrum*», em virtude de *Sancta Herena* aquí ter sido sepultada.

Abandonada esta explicação, o Autor atribuiu origem germânica ao nome da cidade ribatejana «e, tentando demonstrar que a *Sancta Herena* portuguesa nunca existiu, 'inverteu os dados do problema: Não foi desta santa que 'derivou o topónimo *Sanctarene*, antes pelo contrário este é que se desdobrou no falso hagiónimo *Sancta Herena*, por o redactor dos aditamentos ao Calendário de Leão, influenciado pela rubrica inscrita a 1 de Abril no Calendário de Silos, ter interpretado 'erroneamente como nome de uma santa o nome da cidade ribatejana, à qual deu, tem troica, o topónimo de fantasia *Scallabi castro*.

A revisão deste problema hagiográfico e toponímico revelou-me elementos novos e permitiu-me dar a outros interpretações que parecem mais prováveis que as «expostas por Moos. Miguel de Oliveira, o que justifica de isobejo, julgo eu, a radicação deste artigo.

I. Lenda hagiográfica

Reza a tradição que Irenie ou Ida era filha (de Hermígio e Eugenia, genite inobre de Nabânida (Tomar), onde eia n'asiaera (^x). Criança alinda, foi confiada aos cuidados de Casita ie Julia, duas religiosas irmãs de seu pai, entrando depois num mosteiro govern'aidio pelo abade Sélio, seu do materno, que encarregou o monge Remmio de a educar ie instruir.

Governava então Nabância o nobre Castiainildo, casado com Cássia, de quem teve um unico filho, de nome BdtaiMo. 'Perto do pailácio destes, havia uma igreja dedicada a S. Pedro, que Irene, acompanhada das outras monjás, ia visitar todos os anos, no dia da festfia do Apóstolo. Tendo-a visto no templo, Britaldo emamorou-se da sua formosura a ponto de adoecer gravemente.

Informada por revelação idivina da 'estranha e grave doença, Irene foi visitá-lo para o dissuadir do seu amor. Britaldo cedeu,

[i> Uma tradição, que vem ipello menos do séc. XVI, diz que Iria nasceu na Torre da Magueixa, lugar da tfreg. de Reguenigo do Fetal, próxima da de Fátima, no comc. da Batalha. Cf. Flr. Isidoro IBarreira, *História da vida e martyrio da gloriosa Virgem Santa Eria, portuguesa*, publicada em 1618 e reimpressa em 1939, p. 30, e Pinho (Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, s., v. «Reguengo do Fetal».

(Na ermida de Santa Iria do lugar da Torre da (Magueixa, «que pertence ao muito (Reverendo Cabido da Se de Leyria que recebe todas as ofertas que ahí se offercem...»), havia uma irmandade da mesma Santa, no séc. XVIII.

O Pároco acrescentou: «Não ha memoria que nella (*freguesia de Reguengo do Fetal*) florescessem, nem delia sahissem homens insignes por vertuldes, letras ou armas, mais do que ser fama e tradiçam constante, que no lugar da Torre da Magueixa nacera a Virgem Mattel(r) Santa Iria, e que os pais desta santa ahí viverão, e tiiverão cazas. Muito ajuda esta tradição Fr. Bernardo de Brito *Monarch. Lusit.* 'Libi. 7, e também me parece se de ve reparar que esta santa tem culto de dupl. maior neste Bispado, e no seu dia, que he em vinlte de Outubro, e na vespora haver indulgencia plenaria para aquellas pessoas, que vezitam a dita Ermida, e também outras indulgencias nas festas de Christo, Assumpção de Nossa Senhora, e todas as vezes que ahí se assiste aos officios divinos, e tudo perpetuo concedido pello Santíssimo ¡Padre Urbano Oytavov».

(«Estes lugares padecerão muitas ruinas <no terremoto de mil e setecentos e sincoenta e sinco annos, principalmete nesita igreja Paroohial, e na ermida de Santa Iria do lugar da Torre da Magueixa, e em muitas cazas dos ditos lugares, que quazi tudo se acha reparado, menos as da ermida de Santa Iria, porem ja se cuida no reparo destas...» (Torre do Tombo, *Dicionário Geográfico*, vofl. 3*1, pp. 294 e 296 a 298).

cantando que dia não concedesse a outrem o que a/ ele negava, tsoo paná de a matar. Irene prometeu e, impondo-lhe as mãos, curou-o.

Dois anos depois, apaixonou-se por ela o próprio monge Remigio i⁽²⁾, que tentou seduzi-la. Tenido repellido e censurado o monge, este ministrou-lhe uma beberagem que lhe fez intumescer o ventre, dando a laparênciia de gravidez. Difamada, apesar de inocente, BiitaMo, julgando que ela tinha faltado ao prometido, incumbiu um escudeiro de seu pai de a -matar e aitar o corpo ao rio.

Enioontrando-a a rezar nas margens do Nabão, o soldado atraindo-lhe a garganta com uma espada e lançou o corpo ao rio, para encobrir o crime.

Na manhã seguinte, não aparecendo Irene, correu fama de ter fugido com um amante. Informado, por revelação divina, (do que tinha acontecido, o abade Sélio cantou a verdade aos monges e ao 'povo, indo todos, cheios de júbilo, procurar o corpo da mártir nas águas dos rios Nabão, Zêzere e Tejo.

Nas margens deste Último, junto de *Scallabi castro*, (encontraram, por fim, o corpo encerrado num túmulo de mármore, que ficou a descoberto por as águas do rio se afastarem miraculosamente. Não podendo retirar o sagrado corpo, o abade Séldo limitou-se a levar algumas relíquias dos cabelos e da túnica, com as quais Deus opera muitos milagres.

As águas do Tejo voltaram então a cobrir o túmulo e, em atenção a estes prodígios, *Scallabi castro* (passou a chamar-se *Santa Irene* (Santanlém).

Brita lido e Remigio, arrependidos do seu crime, foram para Roma, onde morreram -como penitentes.

Eis, em resumo, a lenda hagiográfica, que já estava constituída nos princípios (do séc. XIV, mas cujos dados essenciais vinham de tempo antigo.

Com efeito, o geógrafo oriental Jacute (f 1229), que utilizou fontes antigas, inclusive o texto de Arrázi do séc. X, faz-se eco da tradição que deriva o nome Santarém de Santa Irene, ao afir-

i⁽²⁾ Uma outra versão faz de Remigio cúmplice de Britaldo, o qual «vendo (perdidas todas as esperanças, comprou um monge, Fr. Remigio, mestre da (Sanlta, e o tomou -cúmplice do seu amor sacrilego». (Como, nem assim, conseguiu seduzir Irene, Britaldo degolou-a e lançou o cadáver ao rio (Of. Américo Costa, *Diccionario Chorographico*, VÆII, p. 545).

miar: «*Xantarin* — Conjunto de dinas palavras loemstituido pela palavra *Xamta* ((*Santa*) ie pela palavra *Wiiin*)» (*Irene*) (3).

Por outro laido, oa inquiriçãõ feitai 'em Tomiar, em 1317, por ordem ide D. Dimis, o® jurados d-eClairaram ser tradiçãõ laintiga ter 'existido ali ja icildade de Niabamciiai, onde bavia um mosteiro de religiosos de hábito negro i (beneditinos) , governado pello abade Sélio* tio materno de Santa Irila, o qual procurou comprovar ia santidade da sobrinha, aipós a sua morte. Acrescentaram (aínda haver ali duas igrejas que vinham de «*tempo antigo*», uma chamada São Pins e a outra Santa Iria, devenido a primeira (corresponder a S. Pedro Fins (4).

É desta lenda do séc. XIV que derivam, directa ou indirectamente, as versões transcritas no Apêndice: os hinos do Breviário de Soeiro (texto B); a lenda idos Breviários Braioarenses de 1478, 1494 e 1512 e do de Santa Cruz de 1531 (texto C); a do Breviário de S. Simão da Junqueira, editado em 1514, mas utilizando um manuscrito anterior (texto D); a do *Flos Sanctorum em lingoajem portuguez*, de 1513 (texto >E); ja do Breviário de Évora de 1528 (texto F), e a do *Próprio de Lisboa* de 1536 ((texto G).

André de Resende parece ter aproveitado, sobretudo, os três últimos textos ao redigir a lenda¹ do Breviário de Évora de 1548 (texto H), donde palssou para o Breviário ide Braga (1549); para 'os *Flos Sanctorum* ide Ribadeneára e de Fr. Diogo do Rosário; para a *Espanña Sagrada* (t. XIV, 193-196 e 389-391), e para os *Acta Sanctorum* (Oct., t. VIII, 911-912). Foi também o referido Breviário de Évora que, mediante o *Chronicon rerum Hispaniae* de João Vaseu, serviu de fonte para o *Martirologio Romano* «e para a *Bibliotheca Hagiographica Latina*, n.º 44691(5).

(3) J. D. Garcia IDomingues, «Descrições de Sanltarém nos historiadores, e geógrafos árabes», in *Letras e Artes* do diário *Novidades*, ano XXtVI, 6 de Julho de 1964.

(4) T. T., Gav. 15, maço (3, n.º 15, e Livro dos (Mestrados de Cristo, £1. 93 v., documento publicado por Vieira Guimarães, *Thomar — S.ta Iria*, Lisboa, 1927, pp. 103-107. O afastamento das águas do Tejo pode estar relacionado com o milagre que ID. Ròdrigo da (Cunha diz lter-se dado quando a rainha Santa llsabel quis ver o túmulo de Santa Tria I(*Hist. Ecoles, de Lisboa*, III, cap. 82)l

(5) Baudouin de Gaiffier, «Le Bréviaire d'Évora de 1548 et l'Hagiographie Ibérique», in *Analecta Bollandiana*, LX i(1942), 131-139.

Pelo mentos a partir de 1598, a lenda tem reidiacção diferente no ofício de Lisboa (texto I).

A lenda mais parca em idaidos históricos é a do texto B, cujos hinos, moldaldos mos quadros rítmicos do *Pange lingua*, omitem nomes ide pessoas e outros pormenores que destoam da economia «do verso, mias dão os elementos 'essenciais 'da biografia⁶⁾.

As reatantes versões 'são idênticas nos dados biográficos, mas, enquanto os textos C e F suspendem a narrativa' na ordem dada por Briitaldo ao escudeiro para miaitar Irene ou no lançamento do cadáver ao rio, os textos E, G e H acrescentam os episódios posteriores ao «crime, que são elementos imprescindíveis paira salvar a honra da mártir e provar a sua virtude e culto (Correspondente).

O texto D traz os mesmos episódios dos anteriores, mas com boa parte dos dados biográficos diluidos nos versos das antifonas e dos responsórios. O texto E desenvolve mais os episódios e toma-se difuso nos diálogos da santa -com Britalldo e Remigio.

Embora pudessem estar omissos alguns pormenores mais romanescos, os elementos essenciais da lenida, mesmo ma parte (correspondente a'o que se passou após a morte, 'constavam já do originai, urina vez que o Martirológio da Sé de Coimbra ((7), do séc. XIV, refere iaj mudança do nome «*Scalabi castro*» para «*Sanctarena*», em homenagem à santa ali sepultada, e que o Breviário do Soeáno «(texto B), do séc. XV, mas copiado de outro do séc. XIV, marra os milagres operados por «ela.

Os textos C e F eliminaram, portanto, a parte final ida lenda, deixianido-a em suspenso <e, por assim «dizer, ininteligível, uma vez que para eles tudo acaba com a morte da santa.

(6) Seguindo iFlr. (Isidoro ;Barreira, alguns cabelos de Santa Iria estavam na igreja de 'Marvila, (Santarém, donde saíam todos os anos em procissão, ordenada pela Câmara no dia da isiuia festa (Obra *cit.* na noita 1)-.

Np convento dos Carmelitas Callçados, de Lisboa, também se apresentavam uns cabelos como «de Santa Iria ((J. Baptista de ;Castro, Mapa de Portugal, 2.ª ed., ;II, Lisboa, 1763, pp. 201 e 2211)'. Em Tomar, ipor sua vez, apresentavam-se umas pediras com manchas que se diziam provir do sangue da mártir (D. Rddirigo da Cunha, *Hist. Eccles. da Igr. de Lisboa*, I, cap. XXVI).

(7) IA 20 de Outubro, «Eodem die in Hispania Scalabi Castro natale Sancte Herene virginis et martiris, a qua sancta sumpsit nomen dictum castrum et ex tunc dicitur Sanctarena» (*Liber Anniversariorum Ecclesiae Cathedralia Colimbriensis (Livro das Kalendas)*, eld. de T>. de Sousa Soares e P. 'David, II, Coimbra, 1948, p. 209)'.

As principais variantes 'entre ia® referidllas versões encontram-se nia data 'do martírio e no número de monges do mosteiro de Santa Maria de Nabância.

Na verdade, enquanto o texto C '(na redacção dos Breviários de Braga de 1494 e 1512, e de Santa Cruz de 1531) atribui o martírio alo ano 1053—*anno Domini millesimo quinquagesimo tertio* — e 44 monges ao mosteiro — *cum quadraginta quatuor scapulatis monachis*—, o texto D põe o martírio em 653 — D. C. *LIII ab Incarnatione Domini Nostri Ihesu Christi* — e 14 monges no mosteiro— *cum XIII scapulatis monachis*. Por sua vez, o texto C (na redacção de 1478) atribui o martírio a 653—*armo Domini VI^e LIII^o* — e 44 monges ao mosteiro — *cum quadraginta quatuor scapulatis monachis*—, parecendo ser o único que está certo.

O texto H -adopta uma posição intermédia, atribuindo o martírio a 653 — *anno sexcentesimo quinquagesimo tertio*—, (como os textos C (na redacção de 1478) e D, e cercial/ de 50 monges ao mosteiro — *cum quinquaginta circiter monachis*—, arredondando, por conseguinte, para cerca de 50 os 44 monge® do texto C.

Os textos I e K datam o martirio de 13 das callendas de Novembro (= 20 de Outubro) de 653, mas -não se referem aos monges.

Os textos B, F e G são omissos quanto à data e ao número de monges. Do texto E nada se pode dizer, porque lhe falta a -parte correspondente -a estes dados.

Estas divergências, -em vez de 'provarem origens diferentes, mostram, pelo contrário, que os textos derivam do mesmo protótipo, explicando-se as variantes por omissões e por erro® de leitura dos números que estavam no original, como se mostra a seguir

Na lenda do séc. XIV a data do martírio devia ser DCLIII (o ano 1053 é um absurdo, além do mais, pelo facto de a festa da santa já vir no Calendário de Leão (de c. 1067), mas as letras D e C deviam estar encrustadas, como era corrente nos textos em caracteres góticos, quando vinham seguidas letras com curvas. Bastava um pequeno descuido ao traçar o D (D) e o C (C) encrustados (D) para lhes dar forma parecida com um M uncial (M), sobretudo se o D tivesse também forma uncial.

A data MLIII (653) ler-se-ia como sendo MLIII (1053), que as redacções de 1494, 1512 e 1531 do texto C transcreveram «MLIII» ou «millesimo quinquagesimo tertio».

(Página deixada propositadamente em branco)

No mesmo original o número dos monges era XTIII, equivalente a XLIII, (por o X (X aspadlo) ser o nexu cursivo de XL (= 40).

Por não 'Compreender o valor ido X aspadlo ou por a aspa estar muito reiduziida ou sumida, o copista do texto D leu XIII, em vez de XIII !(= XLIII), atribuindo assim ao mosteiro menos 30 monges do que ele, na realidade, tinha.

Tudo leva a crer que o texto do iséc. XIV estava escrito tcom letra gótica hbrária>, idêntica à da grav. 1.

*

**

Oom o nome de Santa Irene ou Santa Iria i⁽⁸⁾ conhecem-se em Portugal mais duas sanitas — a do rimiance e a 'da região de Entre-os-Rios.

A primeira vivia na casa «paterna com as irmãs e trabalhava na costura, quando um cavaleiro, que pediu pousada em soía «casa, a raptou ide noite e a degolou no Caminho, por maldade t⁽⁹⁾.

A segunda era teodeira e vivia no monte Mósinho, região de Entre-os-Rios, onde foi martirizada pelos Godos, nos meados do séc. V. No local, ainda hoje chamado Santa Iria, fundou-se um mosteiro de freirás idlarissiais, que ste extinguiu no séc. XV, pas-

|(8) Além desitas duas formas, o nome aparece com as seguintes variantes: *Elena*, t*Helena*, *Erena(e)*, *Herena(e)*, *Irena*, *Eirea*, *Eiria*, *Eyrea*, *Eyria*.

(9) J. Leite de Vasconicdlos regista 2i6 variantes populares do romance de Santa (Iria (*Romanceiro Português*, II, Coimbra, 1960, pp. 8-26. Cf. Luís Chaves, *Rev. iLus.*, XXX, 129-174, le *Estudos de Poesia Popular*, Porto, 1943, pp. 57-92). Em Trás-os-fMontes também se chama *Irêdia* e *Helena*. Na minha terra (Barrai, Ponte da Banca), chamam-lhe *Hilhena*.

Este romance também está muito divulgado na Espanha, inclusive nas Canárias, dando-se-lhe os nomes de *Elena* e *Teresa* l(J. Pérez Vidal, «Santa Irena ^Contribución al estudio de un romance tradicional)*», in *Rev. de Dialectología y Tradiciones populares*, IV, Madrid, 1948, 518-569. Of. Luis Chaves, *Rev. Port. de Piloógia*, III, Coimbra, 1949, 304-308)L

Em Tomar, desconhece-se o romance popular da santa, segundo Vieira Guimarães, que no sien livro *Thomar — Santa Iria* (Lisboa, 19127) procurou reunir a documentação relativa à santa e ias antiguidades de Nabância-Tomar. Cf. A. Feliciano de ÍCastilho, *Obras*, t. II — *Excavações poéticas* ((Lisboa, 1844), pp. 17-27: *Sancta Iria*.

siamidio ia imagem idie Sanita Iria paira a igreja paroquial de S. Vicente do Pinheiro¹ (10). O povo das redondezas continua a ter grande devoção a esta saintai.

Os episódios narrados nas três mencionaidas landais são tão diferentes que parece tratar-se de três figuras. Não obstante, é de crer que ais três landais procedam do mesmo tronco^{C11}), indicando, portanto, uma só haroínia, porque a imaginação popular tem o condão de desdobrar os seus heróis, revestindo-os de roupagens adaptadas às terras donde os naturaliza.

Pondo de lado o romance e a lenda de Entre-os-Rios, tratarei apenas de Santa Iria de Santarém, por ser a única com culto baseado em fontes histórico-litúrgicas.

II. Expansão do culto

A mais antiga referência litúrgica a Santa Iria é a do Calendário do *Antitonário* de Leão: «*Sancte Erene virginis in Scallabi castro*», em aditamento atribuível ao ano 1067, como se indica¹ no Apêndice (grav. 2).

Exceptuando os calendários de Aicobaça, mencionam-na, com ligeiras variantes, todos os antigos oalendários portugueses, cujas rubricais transcrevo no referido Apêndice.

O culto de Santa Iria no actual território português é, porém, muito anterior ao seu registo no Calendário de Leão, porque já

i⁽¹⁰⁾ Aquele mosteiro foi primeiramente anexo ao de Santa Oara do Torrão, que, por sua vez, se uniu ao de Santa Clara do Porto, no séc. XVI. Ainda restam vestígios do mosteiro de Santa Iria, chamainido-se *Mosteiro das Freirás* a um local que lhe pertenceu (Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, VII, Lisboa, 1876, s. v., Pinheiro, p. 52)..

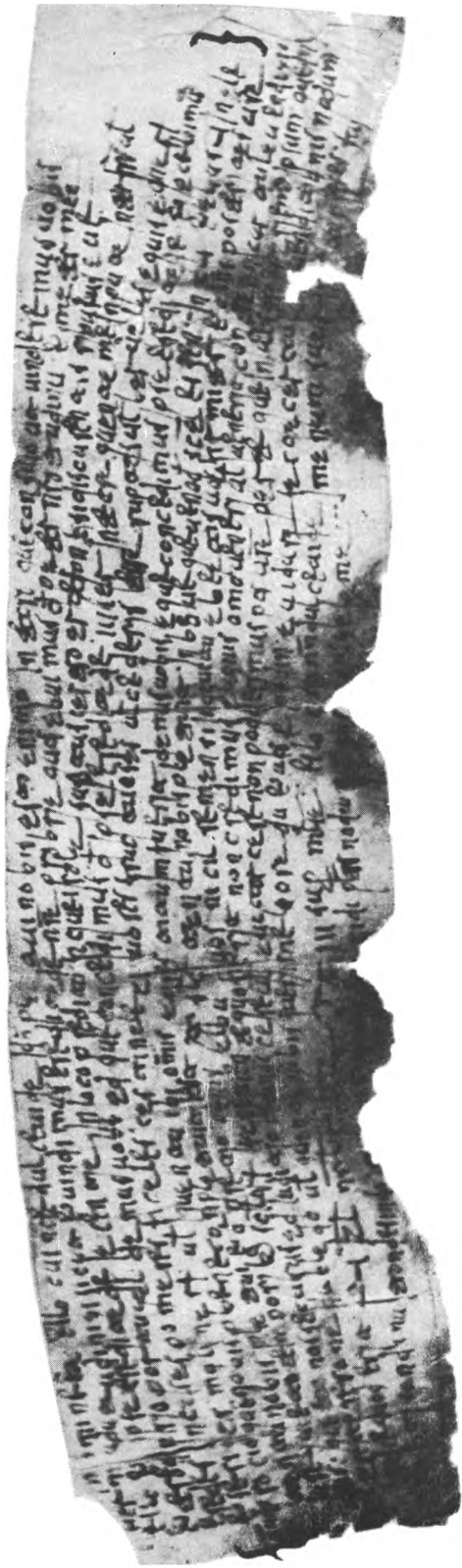
Na igreja de Pinheiro havia um altar da santa com uma imagem de pedra, que actualmente está no Museu do Seminário do Porto. Informa Sua Ex.^a Rev.¹¹* D. Domingos de Pinho Brandão que a imagem é de calcáreo e lhe parece do séc. XV (Cf. Mons. M. de Oliveira, *Rev. Port. de Hist.*, VII, p. 445, nota 11).

'O¹) Não obstante as profundas diferenças^ há ainda alguns traços que aproximam as três figuras, todas de nome Iria. Na do romance e na de Santarém a morte é parecida — um cavaleiro que as degola. O arrependimento do cavaleiro do romance faz lembrar o arrependimento do que matou Uria e foi com Remigio (para Roma fazer penitência. A martirizada pelos Godos lembra também a Iria morta em 653, no tempo dos mesmos Godos f(Visigodos).



Grav. 2 — Calendario do Antifonario de Leão — Meses de Setembro e Outubro.
 «Santa Iria está na coluna da direita» indicada com a seta: sce erene tiré in scallabi castro.

(Página deixada propositadamente em branco)



Grav. 3 — Torre do Tombo, Corp. Rei., Mosteiro de Moreira, maço I, documento de 18 de Outubro de 985. Na linha 7 lê-se: «... XX solidos tantu nobis plaguit in boue que ueno d'e Sancta Eiren in XV et alius V in ale» e não «... XX sólidos tantu nobis plaguit in boue que ueno de Sancta Eiren in XV et alius uinale», como transcreveram os *Diplomata et Chartae* (p. 94, n.º 150). As palavras sublinhadas correspondem a erros de leitura

(Página deixada propositadamente em branco)

vem mencionada, a 1>8 ide Outuibro ide 985, num documento do mosteiro ide Mor dira. Trata-se de uma venida feita mia freg. de S. Miguel de Arcos '(ic. Vila ido Conde)-, em cujo preço entrou um boi avaliado 'em 15 soldos e vindo de Santa Iria: «bave que veno de *Sancta Eiren* in XV» ((isolidosi).

Por os *Diplomata et Chartae* (p. 94, n.º 150) terem transcrito erroneamente «*Sanctaeiren*» em vez de «*Sancta Eiren*», icomo está no dOcumento originali)(vide grav. 3), esta palavra foi considerada, até há pouco, o étimo de Santarém e não o nome (de uma santa).

Não é possível localizar com certeza a terra denominada «*Sancta Eiren*» em 985, mas, tratando-se de uma venda feita na margem direita do rio Ave, é de crer que não seja Santarém, mas uma das localidades das margens dos rios Ave ou Vizelia, adiante indicadas.

Contemporânea das rubricais dos Calendários 'de Silos e de Leão, ou talvez anterior, era a ícapêla de Santa Iria existente na freg. de Doçãos i(c. Vila Verde), ao norte de Braga. Com -feito, no inventário dos bens ido mosteiro de Santo Antonino do mesmo concelho, feito em 1/102 pelo abade Soeiro, citam-se duas doações de Bermudo *Tedoniz*, uma na igreja de S. Martinho de TraVaços «e a outra em «*Sancta Elena*»: «*Vermudo Tedoniz de Sancto Martino de Travazoos de illa ecclesia de 777.^a 7777.^a et de Sancta Elena suo quinione*» i⁽¹²⁾,,

O texto não especifica a natureza do quinhão de «*Sancta Elena*» nem a sua localização, mas, como está em seguimento imediato da doação de uma parte da igreja de Travaços, pede o contexto que se refira a bens da mesma- natureza, i. e., a uma igreja ou capela Ide «*Sancta Elena*», e situados na mesma freguesia ou nas proximidades. Como na freg. de Doçãos, limítrofe da ide Travaços, há um lugar de Santa Iria, devia ficar neste a capela' ide «*Sancta Elena*» mencionada em 1102.

-O inventário não indica o -ano 'das doações de Bermudo *Tedoniz*, mas tinham de ser bastante anteriores a 1082, por o doador ter falecido anos antes desta data e, muito provávelmente, anteriores até a 10501⁽¹³⁾.

(12) (*Documentos Medievais Portugueses — Documentos Particulares*, III (Lisboa, 1940)i, N/* 49, ip-p. 44-45, e P. Avelino de Jesus da (Cosita, *Liber Fidei Sanctae iBracarensis Ecclesiae*, I l(Rraga, 1965X IN.º 315, p. 343-

(13) A 14 de Maio de 1082, Boa Gonçalves doou ao mosteiro de Santo Antonino bens em Gondiaães (c. 'Vila Verde)¹, que tinham ipertencido a sua avô

A existência de uma icaipeflia de Sainlfca Idia ⁽¹⁴⁾, «Hesita data, supõe culto (anterior, oesta tema ou noutra, para justificar ia erecção de um templo em sua honra. No oaso de o quinhão 'de «*Sancta Elena*» se referir não a uma capela mías «a urna localidade, o culto seria ainda mais antigo, porque o hagiopónimo supõe, regra geral, (a

e a seu ipai — *«Ipse casale qui iuit de avio nostro Vermudo Tedoniz et de patre nostro Gunderigo Sesnandiz»* <(P. A. de J. da 'Costa, *Liber Fidei*, I, p. 318, N.º 282), Este modo de fallar «casale qui iuit...» supõe, evidentemente, que o avô e o pai tinham falecido antes de 14 de Maio de 1082.

É provável que o avô Bermudo já tivesse moirrido a 27 de Maio de 1050, data em que *Tedon* Bermudes, ao vender a sua isobrimha Boa Gonçalves os bens que acabo de citar, diz: «Et iacet ipsa hereditas ubi habitavit pater meus *Vermrdus Tedoniz»* (*Liber Fidei*, I, p. 319, N.º 283), porque «*ubi habitavit*» deve indicar que Bermudo tinha falecido e não apenas mudado de terra.

⁽¹⁴⁾ Identifico *Sancta Elena* com iSanta liria, porque, além de ser este o nome do lugar da freg. de Doçãos, onde devia estar o templo da sanlta, a palavra *Elena* (*Helena*) aparece como variante de *Erena* (*Heretta*),

Não pode identificar-se com Santa Helena, mãe do imperador Constantino Magno, porque esta não tinha, na altura, culto na Península Hispânica nem consta de nenhum calendário. Só começa a citar-se em calendários de Santa Cruz de Coimbra a partir de meados do séc. Mil, o que se compreende por estar ligada à Invenção de Santa Cruz, a grande festa diaquele mosteiro.

Por idêntico motivo, o seu culto imtroduziu-se na extinta freg. de Santa Cruz de Febros, hoje incorporada na de S. Julião da Lage i(c. Vila Verdie), onde há uma capela, pelo menos desde o séc. XVIII, segundo informações das *Memórias Paroquiais*: «Hum outeiro chamado monte de Santa Cruz, por nelle esüar hua *hermida de S. Helena* aonde se venera a invenção da Cruz» (*Archeologo Português*, VIII ((Lisboa, 1903), p. 258).

Esta ermida de Santa Helena, além de não poder remontar ao áéc. XI, por a santa não ter então culto na Península, fica longe da freg. de Travaços, em cujas proximidades se localizava o referido quinhão de «*Sancta Elena*».

Na freg. Ide Santiago de Carreiras, próxima de Travaços, há também uma capela de Santa Helena, mas construída em IffôO, segundo inscrição nela gravada.

Sobre o culto desta sancta cf. J. Dubois, *Le Martyrologe d'Usuard. Texte et Commentaire* (Bruxelles, 1965)', pp. 73 e 285; e *Martyrologium Romanum... scholiis historicis instructum* (Bruxelles, 1940), p. 346.

A *Sancta Elena* do inventario de 1102 também não pode identificar-se oom Santa Irene, irmã das Santas Ágape e Quiónia, como adiante se dirá; com Irene, irmã do papa (Si. Dámaso, nem com as que se comemoram a 5 de Maio: «*Irenaei, Peregrini et Irenes*» e a 18 de Setembr: «*fSamotarum martyrum (Sophiae et Irenes*» (*Martyrologium Romanum ... scholiis historicis instructum*, pp. 172 e 404), porque estas não constam dos antigos calendários hispânicos e portugueses nem tiveram culto entre nós.

exlístêmofia ;de um templo, cujo ora go veio diair depois nome à respectiva taallidia'dje.

No séc. XII, começam a üitair-se outros templos *e loais dedicados a Santa Iria: em 1162, Santarém tinha uma paróquia da sua invocação ⁽¹⁵⁾, que ainida hoje 'existe com o nome de Ribeira de Santarém; no séc. XIV, havia em Sanitaitém, junto 'do rio, mais outro templo ou locali a que Fernão Lopes chama «*Santa Eria a pequena*» ⁽¹⁶⁾, talvez nias proximidades da actual memoria de Santa Iria, e alinda se conservam caisas ido lainitigo hospital da mesma Santa ⁽¹⁷⁾. Em 1317, os jurados de Tomar metnicioniam duas igrejas que vinham do «*tempo antigo hua i(h) mame San Fiic (Fins) e a outra Santa Eyrea*» ⁽¹⁸⁾. No séc. XVI fundou-se em Tomar um moisteáro em honra da referida santa, de que se 'conservam lainda a igreja e parte do edificio ⁽¹⁹⁾.

Em 1174, iciíta-se um monte de «*Sancte Herene*» ⁽²⁰⁾, na margem direita do rio Vizela, entre as fregs. de Cerzedo (c. Guimarães) e de Fareja (c. Fafé). Na margem esquerda do Ave, entre ais fregs. de S. João de 'CaiSfelões (c. Guimarães) e de Sobrádelo da Goma (c. Póvoa de Lamihoso), situa-se o monite de Santa Iria, ondie a

i⁽¹⁵⁾ *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, II (Lisboa, 1937), p. 95. Esta igreja mendona-se em varios outros documentos posteriores e, em 1288, o seu reitor foi um dos que subscreveram a súplica feita a iNicolau IV para a instituição da Universidade de Lisboa i (*Chartularium Universitatis Portuga-tenais*, II (Lisboa, 1966), pp. 6, 8, 193, 243 e 244); «A Igreja Parochi al esta denltro do mesmo lugar de Sancta dria. Comprehende seu districto o lugar da Povoia, o de...» (...)• «o orago he Senhora Santa Iria...» (Torre do Tombo, *Dicionário Geográfico*, vol. 18, p. 259). (Em 132H foi cotada em 150 (libras (F. de Almeida, *Hist. da Igr. em Portugal*, II, (p. 682):

i⁽¹⁶⁾ *Crónica de D. Jctão I*, 2.^a parte, cap. 22.

⁽¹⁷⁾ *Inventário artístico de Portugal*, ;III, *Distrito de Santarém*, estampas 125 a 129.

!⁽¹⁸⁾ Vieira Guimarães, *Thomar — S.^{ta} Iria*, 104-107».

A igreja de S.^{ta} Iria, hoje existente em Tomar, é um notável monumento da renascença joanina, com reconstruções de 1610. No tecto tem pinturas com a vida da sarita (F. Ga-rceze Teixeira, «Tomar» in *A Arte em Portugal* (Porto, 1929)> pp. 14, 15 e estampa).

I⁽¹⁹⁾ A documentação deste mosteiro guarda-se na Torre do Tombo. Em Tomar, além do convento e igreja de St.^a Iria, hiá, no convento de IGristo, uma escultura de pedra do Séc. XV e um registo-pintura a cores a representar a santa i{*Inventário artístico de Portugal*, IHI, pp. 108 e 117).

I⁽²⁰⁾ *Vimararis Monumenta Historica* (Guimarães, 1929), p. 95.

tradição localizava uma igreja da mesma invocação, que teria sido a matriz primitiva da segunda freguesia (21). Existiu depois ali uma capela da santa, cuja imagem, do séc. XVIII, se venia agora na igreja de Oaisteflões.

Na margem direita do Ave, no monte de Santa Iria, próximo da cisterna de Briteiros, houve uma capela da mesma invocação (22). Deve ter havido outra na freg. de Santa Maria de Vila Nova de Sande, também na margem direita deste rio, porque as Inquirições de D. Dinis, de 12190, mencionavam ali « A quinta que chamiam *Santarém* som duos (cassaias) » (23), quinta que ainda hoje se « chama « de Santarém ».

As Inquirições de 1258 citam um « *souto Sancte Herena* » na freg. de Santiago de Castelões (e. Vila Nova de Famalicão), entre os rios Ave e Fel, e na freg. de S. Salvador de Ribas (e. Cadoriço de Basto) dizem: « *deinde ad Sanctam Herenarii* » (24). O primeiro local chama-se hoje « Campos de Santa Iria », na quinta e lugar de Caisteflões.

Em 1383, menciona-se o « *logo de Santa Eirea* » e a « *egreja de Santa Eirea* » da freg. de Santa Iria de Azóia (25) (c. Loures), da qual se desmembrou, em 1916, a freg. civil da Póvoa de Santa Iria (c. Vila Franca de Xira), elevada a paróquia eclesiástica em 1956, com N.ª Senhora de Fátima por orago.

Santa Iria é titular da freg. de Valoura (c. Vila Pouca de Aguiar) e foi-o também de uma antiga freguesia agora incorporada na de S. Salvador de Serpa (26).

Além das terras mencionadas, o nome de Santa Iria perdura ainda em várias outras localidades: capelas nas fregs. de Óbidos

C²¹) *Vimaranis Monumenta Historica*, p. 33)1, nota 1.

(22) Mário (Cardoso, *Citania de Briteiros e Castro de Sabroso*, Guimarães, 1956, mapa da sit. II.

I⁽²³⁾) *Vimaranis Monumenta Historica*, ip. 359.

K²⁴) P. Avelino de Jesus da Costa, *O bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, II ((Coimbra, 1959), p. 32; *Subsídios para a História da Ordem de Malta*, III ((Lisboa, 1947), p. 79, e *Portugaliae Monumenta Historica, Inquisitiones*, p. 655.

i⁽²⁵⁾) Isaías da Rosa Pereira, «(Alguns documentos do cartório da antiga igreja de Santo André)», separata da *Revista Municipal* (Lisboa, 1967), pp. 9-13.

!(26) S.ª Iria de Serpa: «O seu orago he Santa Iria tem a igreja dous altares o altar mor ahonde esta colocada a imagem da senhora Santa Iria e hua imagem da Senhora dos Remedios e hua imagem do Senhor Crucificado...». «A esta igreja tem muitas pessoas em romaria oferecendo-lhe algumas ofertas pedio beneficio de as livrar de dor de ouvidos de que he advogada» (Torre do Tombo, *Dicionário geográfico*, vol. 18, pp. 255 e 256).

(c. Óbiidias)⁽²⁷⁾ e Regtiengo do Fetal (le. Ba<tailhia)⁽²⁵⁾ ; tiaisal de Santa Iria, na freg. de Chãos i(ic. Femreliira do Zezere) ; 'lugaires de Santa Iria mias fregs. de Doções i(ic. Villa Verde), S. Pedro i(ic. Villa Real)⁽²⁹⁾. e Teixoso (c. Covilhã)⁽³⁰⁾. Na linha do caminho de ferro do

⁽²⁷⁾ *Inventário artístico de Portugal*, vol. V — *Distrito de Leiria*, p. 90: junto do aqueduto está a vetusta ermida de Santa Iria, com uma imagem quatrocentista de pedira.

⁽²⁸⁾ Ver mota 1, e *Inventario Artístico de Portugal*, V, p. 39.

⁽²⁹⁾ 'Moms. Miguel de Oliveira transcreve a seguinte informação do Rev. P. Henrique Mania dos Santos, de 'Vila Real: «iNão existe, ipor aqui, qualquer tradição ou romance referente a Santa Iria. O nome da santa apareceu nesta cidalde apenas para (baptizar o local onde se construiu um novo cemitério e que desde tempos imemoriais era denominado pelo vulgo *centeiria*, aludindo a que nele se cultivava o centeio. Em virtude desta nomenclatura, o presidente da Câmara pro *tempore* resolveu dedicar a capela a Santa (Iria e assim denominar o referido 'cemitério. A imagem que ali se venera foi adquirida por mim e representa essa donzela mlártir de Nabância...» ((Obra cif., p. 459, nota 53)'.
Parece-me que *centeiria* é uma deturpação popular de Santa Iria, porque, além de não ser costume chamar *centeiria* às terras onde se cultiva centeio, João J. Baptista de Oliveira, ao falar, em 1874 (quase há cem anos!), da freg. de S. Pedro de Vila Real, diz: «Compreende a maior parte da Villa e os suburbios da Boa Vista e de *Santa Iria*, com casas e quintas» (*Chorographia Moderna do Reino de Portugal*, I, p. 805)'.
J. B. da Silva Lopes atribui 14 fogos & chamada Quinta (de Santa Iria (*Diccionario postal e chorographico do Reino de Portugal*, II, Lisboa, 1893^ p. 194).
Américo Costa, por sua vez, cita Iria, Santa Iria e Quinta de Santa Iria como lugares da freg. de S. Pedro de Vila Real (*Diccionario Chorographico*, VII, p. 79, e X, p. 653). O nome do cemitério e a imagem da santa (vieram, por conseguinte, continuar fe não inovar uma tradição).
J. Leite de Vasconcelos transcreve duas variantes do romance de Santa Iria recolhidas nos concelhos de Boticas e de Santa Matta de Penaguião, do (Distrito de Vila Real
Devem estar relacionadas indirectamente com Santa Iria as seguintes localidades: (Casal de Iria Teresa, freg. de Tañeos (c. Vila Nova da Barquinha) ; Cova da Iria, (freg. de IFlátima ((c. Vila INova de Ourém); Iria e IMonte da Iria, freg. de (N.ª Senhora da Conceição (c. Castro Verde) ; Iria e Monte da D. Iria, freg. de Veiros (c. de Estremoz), e Iria CoeOlha, do mesmo concelho (Américo Costa, *obra cit*, IV, p. 1249, VII, p. 79, e X, p. 653).
,⁽³⁰⁾ «No districto deste Povo (*freg. de Teixoso*), em distancia de quarto de legoa ao Nascente está húa quinta chamada de Sancta Iria por nella antiguamente haver hua Ermida da invocação desta Sancta onde se vê hum cruseiro, e ha nella hum carvalho, que duas vezes no anno se veste de folhas, largando as primeiras no esltio, se começa a revestir das segundas, que larga mais tarde que os outros, ignora se o motivo» ((Torre do Tombo, *Diccionario geográfico*, vol. 36, p. 207)'.

Norte temos a localizadle *e estação de Samba Ida entre Saoavém e Póvoa.

Nia Chancelaria de D. Pedro I 'cita-se a igreja de Santa Ida de Ala, do arcebispado ide Braga ⁽³¹⁾, que deve icorrespOnder à altítual Santa Eugénia de Ala ⁽³²⁾ (c. Mtaioedo de Gavaldiros). A iltoa do Corvo, inos Açores, chamou-se a principio iSaimta Iria, por determinação do Infante D. Henrique I⁽³³⁾. Em 1501, D. Manuel 'incorporou o Hospital de Santa Ida, de Lisboa, no de Todos os Santos ⁽³⁴⁾.

Por Decreto de 4 de Abril de 1833, D. Pedro IV criou o marquesado de Santa Iria, renovado por D. Manuel II.

À oapela existente, pelo miemos desde o tsiéc. XVI, no lugar ida Torre da Magueixia', no sitio idas oasas onde a tradição localiza o nascimento de Santa Iria (e referida na nota¹ 1), oamoedeu Urbano VIII (1623-1644) um jubieiu que os devotos lucravam nos dias 17 a 19 de Outubro. A 20 oelebrava-se a fesita dom procição e os habitantes ida terra guardavam o dia. Este oesitumie ainda hoje se mantém, talvez icomo aonsiequêmdia do que preoeitulavam, para o arcediogo de Santarém, as iconsituições simodais do arcebispo de Lisboa, D. João de Azamibujai, promulgadas em 1403:

«Que çardem Sancta Eiriia

Item queremos e estabellleoetmos que os da villa e ardediagado de Saintarem çardem as festas de Santa Eirta de toda a obra e façam

⁽³¹⁾ «Sancta Eirea.

Carta per que o dicto senhor apresentou aa sua igreja de Saimdba Eirea de Alia ido arcebispado de Bragaa Stevam Martinz dlerigo, eta.. Em a cidade cTEvora III dias de IDEzembro de mil IIIIC annos» i(ano de 1362)'. I(Livro I da Chancelaria 'de D. Pedro I, Ifl. 76 v.)i.

⁽³²⁾ INo Liwo I da Chancelaria de D. João I, fil. 181 v., vem citada esta freguesia, que no índice respectivo se denomina S.^{ta} Eugfênia de Ala, mas no texto ilê-se «Sanicta Osea d'Alla».

Em 1320, já era Santa Euigénia (F. de Almeida, *Hist. da Igreja*, (Ui, p. 649)

f⁽³³⁾ O Infante D. Henrique deu là ilha do Corvo, nos Açores, o nome de Santa Iria, mandando no seu testamento que se fizesse «ia igreja de *Sancta Eyrea* na ilha de Sancta Eyrea» (Cf. J. IM. da SilJva Marques, *Descdbrimentos Portugueses, I* (Lisboa, 1944), pp. 583, 590 e 593-4, does. 457, 462 e 464). çFr. Francisco Brandão atribui ia escolha de Santa Iria para nome da ilha a «ser esta Santa Martyr natural da villa de Tomar», sede (da Ordem de IGristo, de que o Infante era Governador ç(Mon. Lus., VII (Lisboa, 1672), p. 348)*.

i⁽³⁴⁾ E. Freire de Oliveira, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, XII (Lisboa, 1901), (p. 477,.

fiesta dobles.» (35) Este preceito manteve-se oas constituições posteriores <(36). Nos livros litúrgicos dos séculos XVIII e XIX Santa Ma vem como Paldracira (do laircediagaido de Santarém e dia prelazia de Tomar.

A expansão e influencia do culto dieista santa documentam-se também pela voga que teve o seu nomie no onomásitico feminino, pelo mienos desde o séc. XIII, v. g., Ma Anes, em Lisboa (37) o Irla Anes, freirá de Chelas em 1329 (38) ; quatro senhoras de nomie Iriia Dománguels, com bens, respectivamente, nos termos de Gaia, Coimbra, Lourosa -e Santarém í(39) ; «Dona Eirea» a 7 de Abril de 1320, em Torres Novas t(40) ; «Eyrea Vicente», já falecida em 1383(41); Iria Afonso (42); Mía Gonçalves (43) ; Ida Lourenço((44) ; Ma Gil (45) ; Ida Martínjsi(46) ; Ida Pires(47); «Eyria Piréis» e «Eyrea Esteves»(48).

(35) «Constituições do arcebispado de Lisboa decretadas por D. João Esteves dAzambuja (1402-1414)», in *Revista Archeologica e Historica*, I (Lisboa, 1887)v p. 108. Cf. Isaías da Rosa Pereira, «Sínodos da (Diocese de Lisboa», in *Lumen*, 25 j(1961), pp. 394-396.

(36) ' As *Constituições* impressas em 1588 dizem: «Outubro — Sancita Eyria se guardará em S and tarem, e seu arcediagado somente, e se (lhe fará festa dobrez, por seu icorpo ser sepultado na villa de iSandtarem» (fil 22), e as impressas em 1737 prescrevem entre os dias santos: «Outubro — Vinfte. S. Iria na villa de Santarém e seu arcediagado» (P. 16j8).

(37) T. TV, Chane, de D. Afonso III, L.º 2 de IDireitos reais, f. 120 v., e, em 1276, iGav. XI, m. 9, n.º 18.

•Em 1068, menciona-se «Saracina Eria ((?)■ Sesanndiz», em que *Eria* ((leitura duvidosa) talvez corresponda a Iria *(Diplomata et Chartae*, n.º 460, p. 288).

(38) T. T., Mosteiro de Chelas, m. 57, doc. 1132*.

(39) T. TV, Chame. de ID. Dinis, LJ* 2 de Além Douro, fl. 175; Chanc. de D. Afonso IV, L.º 2 de Além Douro, 174 v. e 175; Chaîne, de D. Pedro I, Lvº 1, fl. 83; IChaniG. de D. Femando, L.º 2, £1. 46.

(46) x. X., ISanta Clara, m. 2, doc. 27.

i(41) Isaías da (Rosa Pereira, *obra cit.* na nota 24, p. 10.

(42) x. T., (Chaîne, de D. João I, LJ* 1, fl. 164 v.; e L.* 3, fl. 157 v;; L.* KI de Estremadura, fl. 110 v.

(43) X. T., ICihanc. de D. João II, L.º 3, fl. 177, e L.º 2, fl. 67.

(44) x., Chaîne. de D. Duarte, L.º 1, fl. 128 v., e L.º 2 de Legitimações de Leitura INova, fl. 245-

(45) x. T., Chanc. de D. Duarte, L.º 1, fl. 188; L." 2 de Além Douro, fl. 76 v., e L.º 4 de Aflém Douro, fl. 277.

(46) x. T., Chanc. de D. Afonso V, L.º 23, fl. 13 v.

(47) L.º 2, fl. 21 v.; L.º 1 de Estremadura, fl. 7; L.º 16 de D. João II, fl. (12, e L.º 32 de D. Manuel, fl. 52 v.

(48) *Port. Mon. Hist., Scriptorum*, pp. 164 e 350.

E Ida Gonalves de Carvalho se charruava a m3e do Santo Con'dest3avel D. Nuno Alvares Perdra.

Mais significativa 3 e ainda a indica3o dais datas pela sua festa, sem weoeissidade de meinirionar o dia e, 3s vezes, nem o m3e, v. g., «E depouys desto, na Era de MCCRVI anos ((=1208), doze dias por andar de Outubro, *em dia de Santa Eyria*, foy feita grande tempestade no mar»⁽⁴⁹⁾; «... habeatis per illud, annio quolibet perpetuo, dimidium morabitanum *in festo Sancte Eirene*»⁽⁵⁰⁾ ; «*Des dia de Santa Eyrea*, e at3 Fevereiro (...) e des Fevereiro ladeante at3 *Santa Eyrea*»⁽⁵¹⁾ ; «em cada huum ano *por dia de Santa Eirea*», em 1383⁽⁵²⁾; e, no s3culo seguinte, Frd Jo3o Alvares escreveu: «E ao domingo seguinte, *dia de Santa Eiria*»⁽⁵³⁾.

Esta maneira de datar mostra bem a popularidade da festa da santa, uma vez que (corresponde a outras datas 'indicadas por festas muito em voga: «por Sam Miguel», «por Sam Martinho», «por Natab», etc.

Nos meados do s3c. XVI, deve ter havido diminui3o no culto de Santa Iria, porque, em 1590, o ofidio era todo «*De communi unius virginis et martyris*», e, em 1598, o segundo noturno s3 tinha¹ li3es pr3prias nas igrejas ide que a santa fosse titular.

Deve ter havido depois novo incremento no culto, porque, nos s3culos XVIII e XIX, Santa Iria era padroeira do aroediagado de Santar3m e da preflazia de Tomar e tinha li3es propitias na miaaior parte 'das dioceses portuguesas (Cf. Textos I, J e K, no Ap3ndice).

'Com a 3ltima reforma 'do calend3rio, o seu nome desapareceu do culto oficial, mas sem raz3o.

III. IDENTIFICA3O DE SANTA IRIA

Quem seria ia «*Sancta Eiren*» ou «*Herena*», cujo culto se documenta iem Portugal desde o ano 985? Tratar-se-ia duma santa oriental, duma pura cria3o popular ou duma santa portuguesa?

⁽⁴⁹⁾ *Cr3nica dos sete primeiros reis de Portugal*, I ((Lisboa, 1952), 176/7.

⁽⁵⁰⁾ (Documento de 2 de Junho de 1276, em M. J. de Almeida Cosita, *Raizes do censo consigna ti vo* ((Coimbra, 1961), 257/8.

(si) Foral de S. Martinho de Mouiros, tradu3o de 11 de Junho de 1342 em *In3ditos de Hist3ria Portuguesa*, vol. 4, p. 606.

⁽⁵²⁾ Isa3ias da Rosa Pereira, *obra cit.* na nota 24, p. 13.

⁽⁵³⁾ *Cr3nica do Infante Santo* (Coimbra, 1911), ip. 30.

Paira iPierre David a Santa Ma de Santarém não paissia do desdobramento de Santa Irene de Tessadonica, que veio iai ser tida por mártir lodall e cuja festa, em 20 de Outubro, corresponderia à da dedicação da sua Igreja em Santarém: «Sainte Irène est une illustre martyre de Thessalonique, compagne des saintes Agaipe et Chionia; sa fête 'est le 3 ou 5 avril. Lia ville de Soalabrs '(aujourd'hui Santarém) en Lusitanie lui éleua une basilique: peu à peu Irène fut 'considérée aussi comme martyre locale que l'on fêtaait le 20 octobre, date sans doute de la consécration de cette basilique»⁽⁵⁴⁾.

Aceitaram esta hipótese Joseph M. Fiel ⁽⁵⁵⁾ e Luis López Santos ⁽⁵⁶⁾.

Para Monis. Miguel de Oliveira Santa Ma de Santailém é uma pura invenção ou um pseudo-hagionimo devido à «errónea divisão da palavra *Sanctarene* em *Sancta Erene*. A sua argumentação pode resumir-se no seguinte:

1) A lenda de Santa Irene é uma pura fantasia, a começar pelos nomes 'das personagens e <dais terras Citadas, a que falta, por completo, baste documental. Além disso, «não há documentos que provem a existencia de uma santa com o -nome de *Irene* ou *Iria* na região Ide Santarém nem a de um templo aí dedicado à mártir oriental» ⁽⁵⁷⁾.

2) O nome *Santarém* não é, como se tem dito, um hagiotopónimo, derivado de *Sancta Erene*, que teria substituído o de *Scallabis*, icomo homenagem à santa ali sepultada miraculosamente num túmulo coberto pelas águas do Tejo.

A dar-se a mudança toponímica, o faicto teria ocorrido anteis de os muçulmanos Ocuparem a cidade, o que é impossível, em primeiro lugar por o intervalo de uns 60 anos que medeia entre essa

(54) *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle* (Lisboa-Pari s, 1947), pp. 207, 213. Não teve conhecimento de «*Sancta Elena*» de Doçãos (Of. notas 11 a 13) e quanto a «*Sancta Eiren*» diz l(ip. 2312)«: «est mentionée une fois à la date de 985 (...), mais il «n'est pas possible de localiser cette église», não a considerando, portanto, o étimo de Santarém.

(55) «Os nomes dos santos tradicionais hispânicos na toponímia peninsular» in *Biblos*, XXV l(Coimbra, 1949), pp. 343-344.

(56) «Influjo de la vida cristiana en los nombres de pueblos españoles», in *Archivos Leoneses*, V 1(1951), N^o 10, p. 51.

(57) «Santa Iria e ¡SantaDém», in *Rev. Port. de Hist.*, VII, pp. 449 e 461,

ocupação e o martírio da santa Irene (653) ser «tempo demasiado breve para se processar um daiso tão extraordinário» e, em segundo lugar, por a Mártir ser desconhecida do antigo Santoral hispânico e dos monges de Paris Usuardo e Odilardo, que, em 858, vieram até Córdova para obter relíquias e informações dos santos peninsulares.

Além disso, «Os próprios termos da inserção martirologia do calendário leonês em 1066 mostram claramente que se tomou como hagiónimo o nome da terra (*Sancte Irene*), e por isso se adoptou para esta um topónimo de fantasia (*Scallabi Castro*)».

Por outro lado, o termo Santarém documenta-se antes do de Santa Irene, porque o primeiro já se menciona no séc. XI e o segundo só aparece em meados do seguinte como titular de uma igreja ali construída pelos cristãos, após a (conquista definitiva da cidade⁽⁵⁸⁾).

3)» O termo *Santarém*, que parece ser um topónimo de origem germânica, derivado do nome de colonos ali fixados nos fins do séc. IX, é que daria origem ao pseudo-hagiónimo *Sancte Irene* < *Sanctarene*, por o autor do calendário de Leão ter interpretado erroneamente o nome da cidade, confundindo-o com o de *Sancte Herene*, citada a 1 de Abril no calendário de Silos de 1052⁽⁵⁹⁾.

Como a seguir se mostra, não são aceitáveis as hipóteses de Pierre David nem de Mons. Miguel de Oliveira, restando, portanto, como única hipótese provável a de se tratar realmente de uma Santa portuguesa.

IV. SANTA IRENE DE TESSALONICA?

Ao criticar o notável trabalho do sábio medievalista Pierre David, *Études historiques sur la Galice et le Portugal*, o ilustre bolandista e perito na Hagiografia hispânica P. Baudouin de Gaffier rejeitou a sua hipótese: «Le paragraphe consacré à Sjte Irène de Sauctarem (20 octobre) réserve une surprise. La sainte est identifiée avec la martyre du groupe Agape, Irène et Chionia, dont l'anniversaire

(58) *Ibidem*, pp. 448, 452 e 459/60.

(59) *Ibidem*, pp. 461-465.

tombe le 3 lavril. Riem, si ce (n'est l'homonymie, n'iautorise cette affirmation»⁽⁶⁰⁾).

Tomianldo, embora indevidamente, ia hipótese de Mans. Miguel de Oliveira por uma repetição da de Pierre David ^(e1), volta a insistir: «Mgr. de Oliveira reprend (dans oes derniers mots unie hypothèse du regretté Pierre David, mai®, ainsi que nous l'avons noté jadis (*Anal. Boll*, t. 66 (1948), p. 306) rien ne permet d'identifier Irène, compagne des SStes Agape et Chionia, avec celle qui est honorée au Portugal» ^(e2).

⁰⁵⁰) *Analecta Bollandiana*, t. 66 (Bruxdliles, 1948), p. 307.

⁽⁶¹⁾ inicialmente também eu tomei a hipótese de Mous. Miguel de Oliveira como irepetição da de Pierre David e «neste sentido lhe escrevi. Em resposta, recebi a seguinte carta (a última que me escreveu), em que explicita o seu modo de ver:

«Lisboa, 24.XL67.

Meu caro Dr. Avelino

Recebida agora a sua carta, que muito agradeço, apresso-me a iazer uma pequena rectificação. (Não consigo compreender como é que o P.⁹ Gaiffier e o meu Amigo concluem do meu estudo que eu identiico a «Santa Iria» de «Santarém» com a Santa Iria oriental, retomando a hipótese de Pierre David.

Isso parece-me estar tão longe das minhas palavras como está do meu pensamento.

Em primeiro lugar, eu não admito que em «Santarém», se oculte o nome de uma santa. Chamo-lhe um falso hagiopónimo. (Considero que a santa local resultou de uma falsa interpretação do nome da cidade.

O que admito é que a existência da Santa Irene oriental nos calendários hispânicos do século XI desse a sugestão para se interpretar por esse nome a designação da cidade, e para a derivar de uma santa local do mesmo nome.

Não admiti a existência de nenhum santuário, nem do culto da santa oriental em Santarém, como na hipótese de IP. David e de J. Leite de Vasconcelos. Apenas lembrei que o nome da santa oriental podia ter contribuído para se dar uma interpretação falsa ao nome da cidade.

Creio que tudo isto vem no meu estudo ainda comi mais clatreza.

Com muitos cumprimentos e a maior estima

P. Miguel de Oliveira».

Ao publicar a última caita que me escreveu, quero prestar, mais uma vez, sincera homenagem ao virtuoso sacerdote^ ilustre historiador e dedicado Amigo.

^(e2) *Analecta Bollandiana*, t. 84 ^{j}Bruxelles, 1966), p. 494.

Em reforço das afirmações de Baudouin de Gaiiffier podem aduzir-se diversas razões:

1) A Santa Irene cu Iría venerada no Norte de Portugal já no ano 985 não pode identificar-se com a homónima do grupo das santas orientais Ágape, Irene e Quiónia, porque o seu culto é muito anterior à primeira inclusão a estas santas na Península hispânica, que é a do calendário de Silos, do ano 1052, a 1 de Abril: «Sanctorum Gregonni, Agape, Cioinie et *Herene*, trium sororum» e para mais não consta que estas santas tivessem culto na Península nem antes nem depois da sua inscrição nos calendários⁽⁶³⁾.

2) Santa Irene de Santarém, inscrita no «oailendárk) de Leão a 20 de Outubro, também não pode identificar-se com a Santa Irene do referido grupo, porque:

a) Se fosse a mesma Santa, a sua festa devia ocorrer no mesmo dia nos dois calendários, o que não acontece, uma vez que no ide Silos vem a 1 de Abril e no leonés a 20 de Outubro.

Não se trata de uma «casual transposição de datas, porque a santa portuguesa vem a 20 de Outubro tanto nos calendários de Leão como em todos os calendários e martirologios portugueses. As santas de Xessalonia vêm, por sua vez, a 1, 3 ou 5 de Abril (os gregos põem-nas a 22 de Dezembro, associadas a Santa An&stásia)⁽⁶⁴⁾, mas nunca a 20 de Outubro.

A última data justificar-se-ia, se fosse, não a festa natalícia, mas a ida sagrada de uma basílica em honra da santa, como opinou Pierre David.

Esta segunda hipótese também não é aceitável, porque, para a festa comemorativa daquela sagrada ser incluída no calendário de Leão em c. 1067, era preciso que o templo «tivesse sido levantado anos «antes. E existe templo supõe, por seu lado, que o culto da

(63) José Vives y Ángel Fábrega, «Calendarios (Hispanicos anteriores al siglo XIII)», in *Hispania Sacra*, t. I (Madrid, 1949), p. 357, e III (1950), pp. 148 e -157,

(64) No *Martirologio Hieronimiano* vêm as três a 1 e a 5 de Abril e só as duas primeiras a 3 de Abril (H. Delehaye, *Commentarius perpetuus in Martirologium Hieronymianum ad recensionem H. Quentin*, in *Acta Sanctorum Novembris* (Bruxelles, 1931), pp. 169-70, 172-73 e 175). No *Martirologio Romano* vêm, a 3 de Abril, Ágape e Quiónia, e, a 5, Irene (*Martirologium Romanum ... scholiis historicis instructum*, pp. 123 e 126):

santa já estava introduzido em Santarém ou que, pelo menos, entrou 'ali na altura dia construção. Mas, 'além de ser muito estranho que Santarém prestasse logo culto a umia santa mencionada apenas no calendário de Site de 1052 e sem qualquer influência nos outros calendários ⁽⁶⁵⁾ e tenras da Península ^{66}, o tempo que medeia entre 1052 e 1067 (datas, respectivamente, do calendário de Silos e dos aditamentos no de Deão) é muito breve para permitir a introdução do culto daquela Mártir em Santarém, a erecção aqui de umia basílica em sua honra, a irstituição da festa da idedicação e a irradiação duma festa meramente local até merecer lentrar no calendário leonés.

b) A Santa portuguesa vem sempre isolada e, se fosse um 'desdobramento da ide Tessalonica, devia aparecer também associada às irmãs, como se verifica, por <ex>emphk<, com os Santos de Lisboa, Veríssimo, Máxima e Júlia, os quais, «embora venham geralmente sozinhos, sobretudo o primeiro, também se encontram associados.

c) Se a Santa Iria portuguesa fosse a de Tessalonica, alguns

⁽⁶⁵⁾ José Vives diz que as 3 mártires—* Ágape, Quiónia e /Irene, estão mencionadas nos calendários 'de Silos, de 1052, e de Albelda, de 1067, e no aditamento do séc. XI ao Santoral de Carden a í (« Santoral visigodo en calendarios e inscripciones», in *Analecta Sacra Tarraconensia*, XIV ((Barcelona, 1941), pp. 53 e 57), mas nos *Calendarios Hispánicos*, citados na nota 63, apenas as menciona no calendário de Silos, de 1052, e em nenhum dos outfuros í (iEm *Manual de Cronologia española y universal* '(Madrid, 1953) dá uma síntese do calendario hispano-moçárabe, indicando-as, consequentemerte, a 1 de Abril, p. 35).

No *Livro das Calendas* de Coimbra '(I, pp. 180 e 183)l vêm mencionadas as duas primeiras a 3 de (Albril e Irene a 5, como no *Martirologio Romano*. Também as registam os Martirologios de Lamego e de Santa Cruz, mas a inscrição nos Martirologios não implica que tivessem culffco nas igrejas ou dioceses a que esses 'livros pertenceram*

⁽⁶⁶⁾ Na Espanha registam-se apenas 3 nomes que poderão relacionar-se com esta santa ou com outra homónima: *Sanctaren* de los Peces (Moralejo de Sayago, Samora), *Sanctaren* l(?) ((Bilbau) e *Santa Irene* (EI Pino, ICorunha) (J. IM. Piei, «Os nomes de santos tradicionais hispánicos na toponímia peninsular», in *Biblos*, XXV (Coimbra, 1949), p. 344, e (L. ¡López Santos, «flmhijo de la vida cristiana en los nombres de pueblos españoles», p. 51, cf. nota 56).

Em Portugal, além dos vários lugares e templos de *Santa Ida*, já citados, há diversos topónimos *Santarém* (ICf. Américo Costa, *Dicionário Corográfico*, X, p. 740, e Pedro Cunha Serra, *Contribuição topo-anároponímica para o estudo do povoamento do Noroeste Peninsular*, Lisboa, 1967, p. 74). «*Sanctaren*» do ano 900 deve ler-se antes «*Bracar ensi*» (ICf. *Liber Fidei*, I, p. 206).

dados biográficos 'desita deviam repetir-se ma mossã, como ®e verifica, por ex., ma passagem de Santa Marinha de Antioquia para ta homónima de Orense (67) e ma de S. Marcelo de Tanger para o de Leão((68). Não há, contudo, ia mínima influência ida lenida de Irene de Tesisialonioa ma de Santarém.

d) A Santa Irene venerada em Portugal mos séculos X a XII também não pode identificar-se com as homónimas mencionadas nos martirológios a 5 de Maio e a 18 de Setembro; com Santa Helena, mãe do (imperador Constantino Magno, nem com Santa Helena, irmã do papa S. Dámaso (69).

V. ¿SANTARÉM OU SANTA IRENE?

Até à publicação ido estudo de Moins. Miguel de Oliveira — *Santa Iria e Santarém*, em 1964, o nome 'da cidade ribatejana era tido por um hagiotopónimo, derivado de *Santa Irene*, em homenagem à santa que ali teria sido miraculosamente sepultada.

A primeira referência a este hagiotopónimo seria o termo *Sanctaeiren*, mencionado num (documento do ano 985 (70), mas este termo parece ser alheio ao nome 'daquela cidade por uma dupla razão: a) A identificação de *Sanctaeiren* com Santarém deve-se a uma leitura errada dos *Diplomata et Chartae*, que, como atrás se disse f(71), transformaram o nome de uma sanltá «*Sancta Eiren*» no topónimo *Sanctaeiren*. — ò) Miesmo que se tratasse de um ver-

(67) O *Livro das Calendas* de (Coimbra (II, p. 40) e o *Breviário* de *Soeiro* da Sé de Braíga meteram at Alrmlénia «*in Campo Limieo*» para transformar a sanita orientali em peninsular (Cf. P. Avelino de J. da Costa, *O Bispo D. Pedro*, I, pp. 329-330).

(68) José Vives, «Boletín de Hagiografía Hispanica», in *Hispania Sacra*, I (1948), pp. 239-240, e Baudouin de Gaillfrier, «S. Marcel de Tanger ou de León?», in *Analecta BoUandiana*, t. 61 (1943), pp. 116-139.

(69) Cf. nota 13.

(70) Para J. Leite de Vasconcelos «*SanfEirene* explica perfeitamente *Santarém*...» e «O mais antigo documento com a forma do nome é de 985, e esta é *Sanctaeiren*» (*Opúsculos*, III, pp. 413 e 248). A opinião do sábio filólogo foi seguida sem discrepância (exceptuando Pierre Bavid) até Mons. Miguel de Oliveira mostrar o erro de identificação, a que por minha parte posso acrescentar o erro de leitura de «*Sanctaeiren*» em vez de «*Sancta Eiren*».

(71) Cf. p. 9. De facto, os *Diplomata et Chartae* (N.® 150, p. 94) transcreveram: «..... id est XX solidos tamtu nobis plaguit in boue que ueno de

daddro topónimo, não devia ter relação alguma >com <a cidade ribatejana, porque *se* referiria não a esta ma® a urna localidade das margens do rio Ave, como mostrou Monis. Miguel de Oliveira i(72).

Posto de lado o termo *Sanctaeiren*, as referências mais lantigas à cidade ribatejana enicontram-se nos aiutores árabes do séc. X: Alis-tácri, Ibne Háucal, Almaçuidi, Almucádiatsisd e Ahmede Arrázi. No último quartdl ido séc. XI, o nome 'da idldade aparece icom as formas «*Xantarín*» e «*Santarm*», nas fontes árabes (73), e «*Sanctaren*» e «*Sancta Herena*», nas cristãs. No século seguinte, temos *Sancte Herene*, *Sanctarem*, *Sanctarene* e formas similares relativas à mesma cidade i(74), a que correspondem gráficamente *Sancta Eiren*, *Sancta*

Sanctaeiren in XV et alius *uirtale...*», e no original está: «... in boue que ueno de *Sancta Eiren* in XV et alius *V in ale*» l(os sublinhados são meus). Quer dizeir, os 20 soldos do preço foram paigos com um boi que veio de *Santa Iria*, avaliado em 15 soldos, e os outros 5 soldos foram pagos noutras coisas l(i«a/ius *V in ale*) e não «*alius vinale*» (Ver grav. 3).

(72) *Rev. Port. de Hist.*, VII, p. 453 e errata da ip. 473. Cf. *Dipí. et Ch.*, p. 94, n.º 150* Embora muito pouco provável, não lé de todo impossível que «*Sancta Eiren*» do ano 985 se referisse a Santairém, porque, ainda que muito raras, havia algumas transacções entre cristãos e mouros. A expressão «*boue que ueno de Sancta Eiren*» l(«boi que veio de Santa Iria») parece indicar que *Sancta Eiren* ficava distante do local onde se fez o contrato.

Para Pierre David «*Sanctaeiren*» não era um hagiotopónimo, mas o nome duma igreja de Santa Iria, cuja localização era desconhecida (Cf. nota 54).

(73) J. D. Garcia Domingues, *obra cit.* na nota 3, e Ibn Hauqal, *Confirguration de la Terre*, àntrod. et trad. por J. H. Kramers et Wiet i(Paris, 1964), pp. 109 e li14. As formas do séc. XI aparecem na descrição da Península feita por Al-IBakri. (fi094), *The Geography oi Al-Andalus and Europe (...)* by Abu ^Ubayd Al-Bakri, Criticai eld. by Abdurrahman Ali El-Hajji, Beirut, 1387/1968), pp. 63, 76 e 95.

Aos Ex.ºs Srs. Prof. Dr. Pedro Cunha ISerra e Dr. J. D. Garcia Domingues agradeço, muito reconhecido, as informações que se dignaram dar-me sobre as fontes árabes.

Para o Dr. José Pedro Machado «a forma românica que os árabes aqui vieram encontrar não estaria em fase muito afastada daquela que os Portugueses ainda hoje empregam: qualquer coisa como **Santaren*» l(«Aspectos do português primitivo e sua adaptação em formas toponímicas colhidas de textos arábicos», em *Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, XII (1961), p. 176)l

(74) *Dipl. et Ch.*, p. 419, iN.º 700; *Doc. Med. Port., Documentos Régios*, il (Lisboa, 1958), N.º® 221 ((Abril de 1147), 271 (Fev. de 1159), 327 <Abril de 1176), 335 l(Maio de 1179).

Elena e *Sancta Herena*, formas já citadas para o Miinho⁽⁷⁵⁾, e *Sanctarem*, no come, de ManguaMe⁽⁷⁶⁾.

Como estas formas deram origem a dois mornes — *Santarém* e *Santa Irene* ou *Iria* — derivarão estes do mesmo étimo ou de étimos diferentes? No primeiro oaso seria *Sanctaren* que deu origem a *Sancta (H)erena* ou vice-versa?

Mans. Miguel de Oliveira defendeu, como vimos, a primeira hipótese, i. é, foi *Sanctaren* que se desdobrou no pseudo-hagiónimo *Sancta Erene*. Procurou, por isso, explicar o mame da cidade ribatejana por um étimo germânico, sugerindo *Sandaredus* como um dos possíveis⁽⁷⁷⁾.

Além deste nome não constar idos documentos portugueses, Mans. Miguel de Oliveira reconheceu que a miaior 'dificuldade da origem germânica estava na «raridade dos topónimos dessa) origem no sul do país», mas acrescentou: «o germanismo de Santarém tem a apoiá-lo a designação do seu mais próximo subúrbio — *Seserigo*»⁽⁷⁸⁾. E 'concluiu: «Parece, pois, bastante admissível que os topónimos Santarém e Seserigo, sendo de origem germânica, se relacionem com sucessos da época de Afonso III e resultem da fixação de colonos do Norte, que puderam manter-se aáli, como em Coimbra, através dais vicissitudes de campanhas ulteriores»⁽⁷⁹⁾.

Seserigo considera-se, de facto, de origem germânica⁽⁸⁰⁾, mas

⁽⁷⁵⁾ (Cif. notas 10, 12, 15 e 16.

⁽⁷⁶⁾ Nos limites do couto do mositeiro de Maceiraldão, a 31 de Out. de 1173 (Doa *Régios*, ÍI, p. 419, (N.º 319).

⁽⁷⁷⁾ Mans. Miguel de Oliveira, *Rev. Port. de ffist*, VIII, p. 461, nota 56 (Cf. *Orande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, tt. XXVII, p. 35, e XXXIX, P. 173).

⁽⁷⁸⁾ «Ecclesia S. Jacobi de *Santarém*, que est in suburbio de *Seserigo*» (Fev. de 1159. C*. Viterbo, *Elucidário*, s. v. Tempreiros, II (Lisboa, 1799), p. 358); «cartam de domibus meis quas habeo in *Sanctarene in Seserigo*» i(Abril de 1176. Cf. Doc. *Régios*, I, p. 427, N.º 327, e Mons. Miguel de Oliveira, *obra cit.*, p. 462, nota 56). Em 1189: «in Sanctarene, silicet in suburbio de *Sisirico*» l(Torre do Tombo, Alcobaça, M. I, doc. 17).

Em 1258, as *Inquirições* de Santo Estêvão de Barrocas citam: K<in alio loco qui dicitur *Seserigo* I leira cum tribus castlinariis» (*Inquisitiones*, p. 683).

⁽⁷⁹⁾ *Obra cit.*, pp. 464-465. A crónica de Sampiro (*Esp. Sag.*, XIV, p. 454) afirma que as campanhas de Alfonso III l(8166-910) chegaram ao Tejo: «*usque ad Humen Tagum populando productur*».

⁽⁸⁰⁾ Joseph M. (Piel, *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa* (Lisboa, 1936), p. 271, 'N.º 1258.

o seu germanismo é mais contra que a favor da origem germânica de Santarém, suponho eu. Sesarigo aparece, com efeito, a primdra vez em 1050, mas alinda como nome de homem (como topónimo tem de ser, evidentemente, posterior) — *hereditate de Se ser i zo et de suos filios* I⁽⁸¹⁾, e a referir-se a bens que o mosteiro de Pedroso tinha no Norte.

Este antropónimo não devia ter -entrado -em uso muito antes, porque os primeiros patronímico® *Seserigues*, registados nos nossos documento® (82), são de 1063, 1075 e 1092. Em 1089, tinha esse nome o notário de um documento do mosteiro de Santo Antnino — *Seserigus notuit* (83).

Se o lantropónimo Sesarigo só aparece no Norte e Centro do País em -meados do ¡séc. XI, seria possível que icodonos com tal nome ®e fixassem na região de Santarém já nos fins do séc. IX?

Difícilmente se poderá admitir tal hipótese, tanto mais que o topónimo Sesarigo só se documenta em Santarém em meados do séc. XII (84). O mais provável fê ter o nome Sesarigo entrado na região de Santarém entre 1093 e 1111, tempo em que a icidade esteve nía posse de D. Afonso VI I(85).

Pretendendo associar o germanismo (de Santarém ao de Sesarigo,

(81) *Dipl. et Ch.*, p. 230, n.º 378.

(82) «Passur *Seseriguit* conf.» ((Doc. do *Livro Preto* da Sé de ICoimbra, do ano 1063, in *Dipl. et Ch.*, p. 272, N.º 435); «iudex qui lex Gótorum soient comprobare Mene(n)dus *Seseriquiz*» (iDoc. do *Livro Preto* citado, mas o julgamento ifoi em Guimarães, em 1075, *Dipl. et i Ch.*, p. 323, N.º 526)^ e «Pelagio *Sesengiz*» (Doc. do mosteiro de Lorvao, do ano 1092, *Dipl. et Ch.*, p. 470, N.º 791).

(83) pÉ Avelino de Jesus da -Costa, *Liber Fidei*, I, p. 333, doo. 301, de 8 de 'Fevereiro de 1089.

(84) iQf. nota 78.

(85) D. lAfonso VI tomou Santarém, a 30 de Abril de 1093—«Era 1131 pridie calendas Maii, sabbato, hora nona, -rex ID. Alpbonsus cepit civitatem *Santarenam*» (e «iSancta Herene») \(*Port. Mon. Hiat.*, *Scriptores* ((Lisboa, 1856), pp. 10, 18 e 119, e Pierre David, *Etudes Historiques*, ipp. 300, 305 e 307).

A ¡13 de Novembro de 1095, deu-lhe forai, «vobis omnibus christianis in *Sancta Herena* commorantibus» (*Port. Mon. Hist.*, *Leges et Consuetudines*, pp. 349-50).

A 26 de Maio de lllll, Santarém foi retomada pelos Mouros — «Era 1149 rex Gyryus cepit *Santarém* (e «*civitas Sancta Herene*) septimo calendas lunii» (*Scriptores*, pp. 11, 19 e 20, e Pierre iDavild, *obra cit.*, pp. 300, 305 e 307).

não teremos de retrocar o primeiro destes topónimos para os princípios do séc. XII?

Ora o topónimo Santarém documentai-se já no séc. X e, portanto, a sua origem não deve estar num étimo germânico, tanto mais que não seria fácil ia um 'Colono de origem germânica fixar-se na cidade ribatejana por aciasião 'duma simples 'correria (de Afonso III e impor-se aili de tal modo que o seu nome viesse substituir »a denominação tradicional, alguns anos mais tarde.

Ponido de liado a origem germânica, teremos de voltar à explicação tradicional — *Santarém* é um hagiotopónimo derivado de *Sancta Herena* — ou haverá outra hipótese mais plausível?

Por minha parte, não conheço outra explicação fora da tradicional: *Santarém* deriva de *Santa Iria* — *Sanctarene* < *Sancta Erene*. Mesmo que venha a encontrar-se outro étimo para Santarém, isto nada implicará com *Sancta Herena*, uma vez que o nome desta se documenta antes daquele e em locais muito distantes da cidade ribatejana.

VI. SANTA IRIA PORTUGUESA?

Tirando Santarfém o nome de Santa Irene, que santa seria esta? Já vimos que tanto <a' venerada m) o Norte de Portugal como a de Santarém não podem identificar-se com nenhuma das homónimas orientalis ⁽⁸⁶⁾. E tratar-se-á da mesma santa ou de duas? Não vejo razão alguma para as 'distinguir, antes tudo leva a 'crer que a Santa Irene venerada no Norte, pello menos desde o séc. X, seja a que a tradição diz ter nascido em Tomar e ©ido sepultai dia em Santarém. O seu culto irradiaria cedo para o Norte icomo aconteceu com o dos santos de Lisboa, Veríssimo, Máxima e Júláa.

Nem se pretenda identificar a Santa Iria venerada no Norte com a do limance ou a de Entre-os - Rios, porque estas não têm base em fontes litúrgicas nem antiga tradição, devendo ser desdobramento da Santa Iria ribatejanai.

A lenda idesta Santa Irene é uma pura fantasia, diz, e com razão, Mons. Miguel de Oliveira i⁽⁸⁷⁾, mas este facto não basta para provar que a respectiva heroína o seja também. Há, com

⁽⁸⁶⁾ Cf. nota 13.,

⁽⁸⁷⁾ Cf. nota 57.

efeálto, sanlfcos célebres, «cujas lenidias jão destituidlas Idie fundamento, como S. Jorge ⁽⁸⁸⁾, S. Cristóvão ⁽⁸⁹⁾ e S. Niicolau de Mira ⁽⁹⁰⁾, porque «a imiagniação popular, quando jdesconhece a biografia dos seus heróis, adapta-lhes ias lendas de outros ou cria-as ex *nihilo*.

A existência do culto de Santa Irene no Norte ide Portugal, pelo menos desde o séc. X, pareoe-ime invalidar a afirmação de Moms. Miguíel de Oliveira: «não há documentos que provem a existência de uma santa com o nome 'de Irene ou Iriía na região de Santarém» ⁽⁹¹⁾, porque, tratando-se, com certeza, da mesma santa, o seu cullto no Norte impliaa a existência dela no Ribatejo. Além disso, a falta de documentos, estranhos ao jcalendáiiio de Leão, não basta, só por is!i, para negar a sua jexistência, porque se admitem outros santos, v. g., S. Secunldino de Córdova, S. Pedro de Sevilha, Santa Lucrécia de Mérida ⁽⁹²⁾, cuja existência «se baseia

(88) «Antiquius eslt et celebratissimus ubique locorum cultus S. Georgii», mas quanto à lenda «Hanc *autem cumulum ineptiarum merito dixeris, nec satis est apertissima inlde mendacia tollere ut ad historiae veritatem reduncatur» (Martyrologium Romanum ... scholiis historicis instructum, p. 152).*

(88) «*Fabulosa sunt et paene nugatoria quae de S. Christophoro circumteruntur, adeo ut non pauci dubium moverint num in natura rerum exttiterit aliquando martyr ille. Sed venerationis eius antiqua sunt monumenta, imprimis basilica anno 452 eiuls nomine consecrata» (Ibidem, p.305).*

l⁽⁹⁰⁾ «*Itaque de gestis praeclari thaumaturgi nihil novimus, ... Hagiographi ad jNicolaum Myrensem magnam partem accommdarunt vitam alterius Nicolai, Sionitae dicti» (Ibidem, p.5618).*

(91) Ren *Port. Hist.*, VII, p. 461. Como se disse na nota 72, não é de todo impossível que a «*Sancta Eirem*» do ano 985 se rëfira a Santarém, o que, com maioria de razão, invaüdiaria a afirmação de IMons. IMiguíel de Oliveira.

E o nome «*Heirena*», dado em /1142 ao rio Lena, não estará relacionado com um antigo culto a Santa Iria no centro do país? 'Recorde-se que uma antiga tradição considera a santa natural do conc. da Batalha (Cf. nota 1).

Quanto à identificação daquele nome, diz Rui de Azevedo: «Não encontro fundamento aceitável para rejeitar o topónimo *Heirena* como primeiro nome do rio Lena no troço próximo de Leiria, durante o período da Reconquista» (*Doc. Med. Port., Documentos Régios*, I (jLisboa, 1962)', p. 673).

(92) O monge beneditino Usuardo menciona no seu *Martirologio*, entre outros, os seguintes santos: *Cordubae Secundini martyris*» (21 de Maio); «*Item in civitate Hispali, Sancti Petri martyris*» 1(8 de Outubro), e «*In civitate Emerita Sanctae Lucretiae (Virginis)*» (23 de Novembro)¹.

Baudouin de Gaiffier fez os seguintes comentlários a estes santos: 1} «Nous ignorons tout de ce martyr. Appartient-il (a la persécution arabe ou bien faut-il le ranger parmi les martyrs des premières persécutions? On ne sait.»; 2) «Ce martyr n'est connu que par cette mention d'Usuaïd. Ni Florez (*Esp.*

ap&nas em «citações martirológicas ou de calendários, como 'acontece oom Santa Irene.

Por outro lado, da omissão dela no santoral hispânico poderá concluir-se apenas que era uma santa, cujo 'culto se desconhecia nas regiões da Península, onde se 'esoreveram os livros litúrgicos actualmente existentes. Não pode, todavia, tirar-se dessa omissão prova segura contra a sua existencia histórica nem mesmo contra o iseu «culto no actual territorio português»⁽⁹³⁾.

Na verdade, aquele Santoral omite outros nomes, cuja existencia não «pode dar lugar a dúvidas»¹ (94). Temos, por ex., entre nos *Sancta Talasia*, que, não obstante faltar absolutamente em todas as fontes litúrgicas e históricas, era, em 830, orago duma igreja na província da Caninha e foi-o também dum mosteiro em S. Orente, na mesma provincia⁽⁹⁵⁾, e duma freguesia no conc. de Ponte da Barca, chamada *Sancta Talasia*, no séc. XI, e *Sancta Maria de Sancta Asia*, desde 1220 (Hoje é Santa Maria de Santa Asias)⁽⁹⁶⁾.

Sag., IX, p. 301) ni les Bollandistes (*Act. SS.*, Oct. t. IV, p. 273) n'ont découvert aucun renseignement sur ce saint. Plus récemment José Alonso Morgado (*Santoral Hispalense*, Sevilla, 1907, >p. 12) avoue également que ses recherches ont été infructueuses; 3) «Parmi les martyrologes anciens, seul celui d'XIsuard mentionne, <le 23 novembre, S.ta Lucretia. *De la vie de la sainte nous ne savont rien*, mais il est certain qu'à Meriida, IS,te Lucretia était honorée bien avant le (IX^e siècle) («Les notices Hispaniques «dans «le Martyrologe d'Usuard», in *Anal. Boll.*, t. 55 (1937), pp. 279.281 e 283).

(93) o caso ipuniha-ise de modo integramente diferente se existissem calendários e outras fontes litúrgicas do centro de Portugal para os sléculos X e XI e omitissem Santa Irene. Neste caso, e só neste, é que o argumento do silencio podia apresentar-se contra a existência da santa ou, ipelo menos, contra a sua entrada no culto naquela data.

(94) <Of. nota 41. S. Toribio, bispo de Astorga no séc. V, memcioma-se pela primeira vez num calendario de Oña, Idos fins do séc. XII, a 16 d'le (Abril: *Turibii episc. conf.* «Si nous ne nous tirompons pas, diz QB. de 'Gaiffier, cette mention est la plus ancienne attestation du culte rendu à S. Tiuribius»)(«Ulñ calendrier Franco-Hispanique de la fin du XXI^e siècle», in *Anal. Boll.*, 69 ((1951), p. 297).

(95) «In Camota (...) *ecclesia Sancta Taíasie*» (López Ferreiro, *Historia ... de Santiago de Compostela*, IX (Santiago, 1899), Apêndice III, p. 7, e L. López dos Santos: «*Sta Taasia*, antiguo convento en S. Orente (Conma), parece que se refiere a una *Sta Talasia*» i(i«Influjo de la vida cristiana en los nombres de pueblos españoles» in *Archivos Leoneses*, V, N.º 10, p. 66).

(96) P. Avelino de Jesus da Costa, *O Bispo D. Pedro*, I, pp. 339-340, e II, p. 205. Os antigos calendários hispânicos omitem também Santa Marta,

Até ao calendário 'de Leão, todas as fontes litúrgicas omitem também S. Frutuoso, bispo de Draga (656-665?), não obstante ser uma figura histórico de alto relevo e o seu culto estar documentado pelo menos desde 899, ano em que já era orago do mosteiro fundado por ele mesmo, e ser também orago da respectiva freguesia e padroeiro da região: «*regionis illius defensor et patronus erat*», desde meados do séc. XI, pelo menos»⁽⁹⁷⁾.

A omissão de Santa Iria no Martirologio de Usuardo também nada prova contra a sua existência e culto, porque este monge omitiu, por ex., dezoito santos da persieguição árabe 'do séc. IX: «Il ne ne mentionne qu'une partie, la moitié, environ, de noms des martyrs»⁽⁹⁸⁾.

VII. «SCALLABI CASTRO», REALIDADE GEOGRAFICA OU FANTASIA DO CALENDARIO DE LEÃO?

A propósito da rubrica do 'calendário leonés: «*Sancte Erene virginis in Scallabi castro*», Mons. Miguel de Olivera afirmou: «Os propios termos da inserção martirológica do calendário leonés em 1066 mostram dlaiamente que se tomou como hagiónimo o

cujo culto está documentado nos arredores de Braga, desde o ano 900. (Cf. P. A. J. Costa, *O Bispo D. Pedro*, I, p. 330, e *Liber Fidei*, I, p. 206):

⁽⁹⁷⁾ López Ferreiro, *Historia ... de Santiago de Compostela*, II, Ap. 25, p. 47. e E. Flórez, *Esp. SagXIX* (Madrid, 1765)I, p. 223, e XX (1765), p. 39, Of. P. (A. de J. da Costa, *O Bispo £>. Pedro*, I, p. 320, e III, ip. 92.

⁽⁹⁸⁾ Baudouin de Gaiffier, «Les notices Hispanique® dans le Martyrologe d'Usuard», in *Anal. Boil.*, t. 55, p. 275. A omissão tíos 18 mártires da perseguição árabe do séc. IX não pode atribuir-se a ignorância, porque Usuardo «eut l'occasion d'apprendre de ;S. ÍEuloge lui-même l'histoire de la persécution» e levou consigo obra® daquele santo, onde se narravam os factos, oferecendo-as a Carlos o Calvo (*Ibidem*, p. 274).

Um dos santos omitidos foi Sisenando de Beja, martirizado a 16 de Julho de 851.

Por motivos hoje ignorados, Usuardo não utilizou parte dos elementos recolhidos na Península: «il n'a pas mis en oeuvre des Tenseiginemenis recueillis pendant son voyage en Espagne», afirma B. de Gaiffier (*obra cit.*, p. 273). R. Jimenez Pedrajas julga, potfém, que os monges franceses não conheceram algumas obras de Santo Eulógio, aliás «no habria razón (...) para no incluir en su martirologio a todos los mártires cuya pasión leemos en ellas» (*Anthologica Annu*, 17 (Roma, 1970), p. 470X

nome dia tema (*Sancta Erene*), e por isso se adotou *pava* esta um topónimo de fantasia (*Scallabi castro*)» (").

Como vimos (100), Santa Irene ou Iria não é um pseudo-hagiónimo devido a «errónea interpretação do nome *Sanctarene* nem nenhuma das homónimas santas orientais, parecendo antes provável tratar-se de uma santa portuguesa, que veio a dar o nome à cidade ribatejana, primitivamente chamada *Scallabis*.

No tempo dos romanos, esta cidade foi sede do convento jurídico esolabitano, que abrangia o território entre o Tejo e o Douro, e teve a categoria de colónia, denominada *Praesidium Iulium*, em homenagem a Júlio César (99*99*101).

Cerca de 460, foi teatro de lutas entre Suevos e Visigodos (102). Nela nasceu João de Biclara (c. 540-621), bispo de Gerona «cronista, que, segundo Santo Isidoro de Sevilha, era «natione gothus, provinciae Lusitaniae, *Scallabi natus*» (103). O nome *Scallabis* devia, por isso, continuar em uso no tempo deste santo, falecido em 636, mas desde então até ao século XI não volta a citar-se este nome nos documentos actualmente conhecidos.

Foi este silêncio de séculos que levou Mons. Miguel de Oliveira a considerar uma fantasia a sua inclusão no calendário do *Antifonário* de Leão em 1067, tanto mais que, a ter havido a substituição do nome de *Scallabis* pelo de Santa Irene, a mudança devia ter-se operado durante o domínio visigodo e antes da ocupação muçulmana.

Aquela época parece, isem dúvida, mais própria para a substituição, mas as fontes árabes e icristas mostram que *Scallabis* se manteve, pelo míenos na linguagem corrente, até ao séc. XII, não havendo, portanto, aquele suposto silêncio de déoulos nem um desaparecimento tão precoce.

(99) *Rev. Port Hist*, VII, p. 459.
(100) pp. 19_25.

(101) C. IPlinius Secundus: «... quinta (*colonia*) eslt Scallabis quae Praesidium Iulium ivocatur» (*Naturalis Historia*, IV, p. 117. Cf. J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, III, pp. 169 e 175)u

(102) Segundo Idário, Sunierico, partidário de Teodorico, rei dos Visigodos, tomou a icidaide: «Suniericus Scalabim, cui adiversabatur, obtinet civitatem» (*Esp. Sag.*, IV, p. 381, e XIV, p. 180).

(103) *Esp. Sag.*, VI, 2.ª ed., p. 381, e Júlio Campos, *Juan de Biclara, Obispo de Gerona, su vida y su obra*, Madrid, 1960, p. 15.

Nias fontes árabes há referências a Santarém desde o iséc. X e as formas *X&ntarin* e *Santařm* são de Al-Bakni, failecido em 1094 ⁽¹⁰⁴⁾, seguindo-se-lhe Edrice, que viajou pela Península 'entre 1142 e 1147. A *Scallabis*, por sua vez, ainda se refere laicute ((falecido em 1229), ao dizer que uma das dependências de Santarém era «*Saq̄lab*»⁽¹⁰⁵⁾ •

Das fontes cristãs nada se pode concluir quanto à substituição do primitivo nome da cidade ribatejana até meados do séc. XI, porque não há nelais nenhuma referência ao termo *Santarém* anterior a testa data ⁽¹⁰⁶⁾.

Por outro lado, pondo de parte a citação 'de «*Scallabi castro*» em vários calendários e martirologios dos séculos XII e seguintes, influenciados, sem dúvida, pela rubrica do calendário de Leão, o nome *Scallabis* ainda se regista nos seguintes documentos do séc. XII:

— a) Vida de S. Martinho de Soure, que, em 1144, foi preso pelos mouros (e levado «in *Scalabi castris* menia» ⁽¹⁰⁷⁾ ; — b) Carta do ionizado inglês sobre a (conquista de Lisboa, em 1147;—c) *Chronicon Conimbricense*, ao referir que, em 1184, Aboialc, imperador idos sarracenos, «*obsedit Scalabi castrum?*» ⁽¹⁰⁸⁾.

Parai o problema em (discussão têm especial interesse os nomes dados a Santarém pelo referido cruzado:—uma vez Santa Irene: «*venditis victualibus suis vel transmissis apud Sanctam Hyreneam*» e dulas vezes *Scalabi castro*: «*annumeratis castris Scalaphii* civibus, qui in hoc anno a castro suo expulsi...» e «Citra Tagum, (castro Suthtrio, *castro Scalaphio*, castro Lora) ;(Aquém Tejo, os castelos de Sintra, *Scallabis* i(Santarém) e Leiria)- í⁽¹⁰⁹⁾.

Sabe-se hoje que os dados oográficos e históricos registados

(104) cf. nota 73.

(105) E. iLévi-Provençal, *La Péninsule Ibérique au Moyen-Age d'après le Kitab* (...), (, ;Leiden, 1938, diz na ttradução do árabe: «L'un des districts de Santarém eslt celui de Saqlabi(4): c'est le terroir le plus fertile du monde» (p. 138). Na nota (4)i expūca: «ICe toponyme est mentionné par Jaqūt, *Muřam al-Buřān*, III, p. 405, comme une dépendance de Santarém. Alemany Bolufer, *La Geografía de la Península Ibérica en los escritores arabes* (Granada, 1921, p. 112) y voit un rappel du nom antique de Santarém, *Scalabis*».

(106) cf notas 74, 78 e 85 e observações das notas 72 e 91.

(107) *Scriptores*, p. 62.

(108) *Ibidem*, p. 3.

(109) José Augusto de Oliveira, *A Conquista de Lisboa aos Mouros* (Lisboa, 1936)i, pp. 87, 60 e 109, respectivamente.

pelo cruzado inglês «foram recolhidos, pelo menos em grande parte, por via oral (...), conforme se infere da grafia idos topónimos»⁽¹¹⁰⁾, sendo principais informadores D. João Peculiar, arcebispo de Braga, e D. Pedro Pitões, bispo do Porto. Grafias erradas como *Alchubez* (Alcobaça), *Lora* (Leiria), *Scalaphii* (Scaifabis), *Soyra* (Soure), *Suchtria* (Sintra), etc., não provêm da consulta de documentos mas sim da deficiente reprodução sónica idos topónimos ouvidos aos seus interlocutores.

Daqui parece poder concluir-se que na 'linguagem corrente em 1147 ainda se usava o nome *Scallabi castrum* ou *castrum Scailabi* para designar a cidade de Santarlém. Nem ise «estranhe quele (a mudança toponímica se processasse tão lentamente, (porque é vulgar estas transformações levarem mais de um século a) impor-se (11). Sirva de exemplo o que se dá em Lisboa com o Terreiro do Paço e o Rossio, nomes que 'continuam em uso, não obstante terem mudado, oficialmente, há muitas dezenas de anos, para Praça do Comércio e Praça D. Pedro IV, respectivamente.

Para se julgar do valor da inscrição martirológica de Santa Irene no calendário de Leão, é indispensável cotejar a respectiva rubrica *Sancte Herene virginis in Scallabi castro* com as de *Sancte Agate Catena civitate*, *Sancte Eolalie Barcinona*, e de dezenas de outras análogas santas e santos.

O calendário leones regista 137 festas litúrgicas, 68 idas quais vêm acompanhadas de notícias toponímicas referentes a 44 terras ⁽¹¹²⁾ da Península Hispânica e de outras regiões da Cristandade. É de longe o calendário mais rico nestas notícias, porque, enquanto os 8 calendários moçárabes registam, no conjunto, um total de

⁽¹¹⁰⁾ Rui de (Azevedo, em *Rev. Port. de Hist.*, iVII, pp. 354-57, e P. David, em *Bulletin des Etudes Portugaises*, XII (1947), p. 245.

⁽¹¹¹⁾ Sirvam de exemplo os dois casos seguintes : A freguesia de *Cejães* (S. Miguel), ido came, de Esposendê, mudou o nome para *Marinhas* entre 1290 e 1307 e em 1402 ainda o primeiro nome se sobrepunha ao novo — «Sam Miguel das Marinhas (aliter de Çaphaes); a freg. de Penégate (S. Miguel), do cane, de Vila Verde, já aparece com o nome de *Carreiras* em 1420 e, não obstante, o antigo nome ainda se usava em 1551—«Pene-gate alias Carreiras» (P. A. de J. da Costa, *O Bispo D. Pedro*, II, pp. 149 e 158).

⁽¹¹²⁾ A diferença entre as 68 notícias toponímicas e as 44 terras nelas citadas explica-se por algumas terras (Antioquia, Cesareia, Górdoiva, Jerusalém, Roma, etc.), virem mencionadas várias vezes.

52 topónimos, o de Leão, so por si, 'abrange 44 dessas terras e, em compensação >das 8 omitidas, menciona 22 a que os antros 7 não fazem referência alguma.

Os escribas do calendário leones tiveram, por conseguinte, especial cuidado em anotar as terras de origem de metade idas festas nele inscritas, o que aliás se comprova pelo facto de não serem exactas apenas 5 ou 6 das 68 notícias toponímicas registadas ⁽¹¹³⁾. Estas próprias inexatidões correspondem a terras existentes, embora mal identificadas, sem nunca se verificar um topónimo de fantasia.

Acontece o mesmo nas 137 festas inscritas nesse calendário, porque não há nele santo algum que possa atribuir-se a «uma errada interpretação do nome» da terra onde o culto original se localiza ⁽¹¹⁴⁾.

Constituirão *Sancta Herena* e *Scallabi castro* a única exoeção, respectivamente, entre as 137 festas litúrgicas e as 68 notícias toponímicas?

Uma excepção em tão flagrante contraste com todas as outras festas e notícias inscritas no mesmo calendário não podia admitir-se sem 'provas irrefragáveis e estas não se aduziram.

Por outro lado, que interesse poderia ter o escriba 'do calendário leonés em desdobrar numa falsa santa o nome da cidade ribatejana, fazendo ressurgir ¶para esta um topónimo que se pretende estar obliterado há muitos séculos? Nem se tente justificar este

(us) Das 68 notícias toponímicas, 60 correspondem às 'terras mencionadas noutros calendários e miartirólogos ; duas estão omissas nessas fontes, faltando, portanto, o termo de comparação para ver se são exactas: Santa Irene, «in *Scallabi castro*», a 20 de Out., e Santo Alexandre e companheiras «*Africa*», a 17 de Dez.; uma ¶parece ser grafia deficiente: iS. Dinis e companheiros «*iLaudocie*» (leitura de J. Vives e A. Fábrega) ou «*Lutecie*» (leitura de M. Férotin), a 9 de Out.; e cinco trocam as terras: «insula *Chio*» em vez de iRoma, o 12 de Maio (o erro deve ter sido causado por atracção da notícia de 14 de Maio que é realmente de «insula *Chio*»); a 23 de Junho e a 10 de Julho cita, respectivamente, Palestina e Antioquia em vez de Licia; a 26 de Setembro *Gallecia* em vez de Roma, e a 10 de Outubro *Creta* em vez de *Auguste Vindelicorum* (Augsbourg). M. Férotin sugere a leitura de *Retia* em vez de Oreta (Le *Liber Ordinum*, vol. V dos *Monumenta Ecclesiae Litúrgica* (Raris, H904). p. 483).

(114) As terras trocadas, que constam dia nota anterior, correspondem a verdadeiros topónimos. Sobre ios santos e respectivas terras cf. os comentários de Dom Maur Férotin {(obra *cit.*, pp. 449-496).

desdobram ento com «a rubrica inscrita a 1 de Abril no Calendario de Sillos do ano 1052, porque o rediaictor dos aditamentos ao Calendário de Leão nem deve ter conhecido aquella rubrica⁽¹¹⁵⁾.

Dá-se ainda a circunstancia de o célebre *Antiionário* da catedral de Leão ter s*ido copiado, na primeira metade do sôc. X, de um outro que se presume ter vindo ide Beja entre o espólio trazido desta cidade por Ordonho II, em 913.

A atestar a origem pacense do protótipo ido dito *Antiionário* está o facto de ser o único livro litúrgico que cita, a 13 de Setembro, *Obitus domni Teuderedi episcopi*, que se identifica com o bispo de Beja Teodoredo, que, em 646, mandou um representante ao concílio VII de Toledo⁽¹¹⁶⁾. O pormenor da comemoração da morte do bispo de Beja só podia interessar num livro redigido para uso da respectiva diocese, tanto miais que Teodoredo não foi considerado santo.

Como Beja (ia *Pax Iulia* dos Ramiamos) e *Scallabis (Præsidium Iulium)*, sedes de dois conventos jurídicos da Lusitânia, pertenciam, no séc. X, ao Andaluz muçulmano e estavam redaiçáooidiais entre si, não é de estranhar que quem estava tão bem informado do dia

(U5J Não é, de facto, fácil admitir que o autor dos laditamentos ao Calendário de Leão conhecesse o Calendário de Silos, porque omite sessenta e nove festas litúrgicas inscritas neste. E algumas delas deviam-lhe interessar, por ex., a de 1 de Abril, que menciona precisamente a *Sancta Herena* associada a Ágape e Quiónia.

Se omitiu esta Santa a 1 de Abril, como pretender que foi por influência dela que transformou numa falsa santa o nome da cidade ribatejana, colocando a sua festa a 20 de Outubro e fazendo-a natural de *Scallabi castro*? Não seria então mais lógico pôr ao menos a festa em 1 de Abril?

⁽¹¹⁶⁾ «Constantius presbyter, agens vicem domini mei *Teuderedi episcopi Pacensis ecclesiae*, haec sltatuta (definiens subscripsi)» (J. Vives-T.Marin-G. Martínez, *Concilios Visigodos e Hispano-Romanos* (BarcelonaJMaldril, 1063), p. 259).

M. Férotin, ignorando quem fosse *Teuderredus*, sugeriu, sem razão, o nome de *Teudeiredus*, bispo de Viseu, que assistiu ao XVI Concilio de Toledo, de 603 (Le *Liber Ordinum*, p. 478. Cf. *Concilios Visigodos...*, pi. 520). «... En el año 646 gobernaba la iglesia de Beja un obispo llamado Teoderedo, y no cabe duda que debe ser identificado con el obispo del mismo nombre conmemorado en nuestro antifonario, pues no conocemos ningún otro prelado de la España visigoda, que levase ese nombre», diz Pérez de Uirbel («El Antifonario de León y su modelo de Beja», in *Bracara Augusta*, XXII (Braga, 1963), pp. 217 e 224).

da moite 'do bispo de Beja do séc. VII o -estivesse igualmente ta respeito día existencia de Santa Irene, que a tradição tem por contemporânea do referido bispo e julga sepultada em *Scallabi castro*.

A rubrica de Santa Irene está no calendário leonés 'entre os aditamentos atribuíveis a 1067, mias também pode ser anterior. ¡Pérez de Urbel julga até que um clérigo leonés não teria interesse em inscrever esta santa no calendário, se ela não figurasse em fontes anteriores, talvez no antifonario de Beja) que serviu de modelo ao de Leão ⁽¹⁷⁾.

VIII. CONCLUSÃO

Do exposto neste artigo, parece-me poder deduzir-se, com relativa segurança, o seguinte:

1. Em (Portugal já se prestava culto a Santa Iria muito antes da inscrição de *Sancta Herena* de Tessalonica no Calendário de Silos do ano 1052 e da' de *Sancta Herena* de Santarém no Calendário de Leão, em 1067.

2. Esta* última santa não se pode identificar com nenhuma das homónimas orientais e parece ser uma santa portuguesa e a mesma que tinha culto no Norte de Portugal desde o ano 985, pelo menos.

3. Embora a lenda desta santa seja uma pura fantasia, não há razões suficientes para negar a suia existência histórica, laítribuível ao siée. VII.

4. Não se Comprova ia origem germânica tío topónimo *Santarém*, parecendo tratar-se 'antes de um hagiopónimo derivado de *Santa >(H)erena*, como diz a tradição.

5. O topónimo *Scallabi castro* ainda se documenta no séc. XII,

(17) «... pero no acierto a comprender como un clérigo leonés deíl siglo XI hubiera podi-do interesarse (por una santa más o menos autentica y de un culto puramente local, mencionando además el nombre de una ciudad desaparecida, que solamente algún que otro erudito podía conocer. Por eso creo que Santa 'Irene, cuya *passio* es una leyenda novelesca que cae dentro de la España visigoda, y cuyo nombre aparece en este calendario, fué inscrita por la mano del propio Totmundo y que figuraba, acaso en el antifonario primitivo, que servió de modelo al de León» (*obra cit.*, pp. 21'6-217). ¡Sobic a data dos aoréscimos ao calendário cf. nota 3 do Apéndice.

Cf. Carmen García 'Rodríguez, *El culto de los Santos en la España Romana y Visigoda*, Madrid, 1966, p. 281.

não sendo, potrfcawto, umiai fantasia do redactor dos alditamentos do Calendário ido Leão.

6. Não há motivo suficiente para elimiinlar o nome de Santa Iría dos actuáis Calendarios litúrgicos portugueses, pelo menos do de Lisboa, uma vez que é provável a sua existência histórica e que ainda tem bastante culto entre nós.

NOTA FINAL

Tendo enviado as segundas provas deste trabalho ao Ex.^{mo} Snr. Prof. Doutor Joseph M. Piel, com o pedido de me dar a sua erudita opinião sobre o que atrás escrevi quanto ao étimo de Santarém, o ilustre Autor de *Os Nomes Germânicos na Toponimia Portuguesa* e de outros notáveis trabalhos de Toponimia Portuguesa e Galega, em carta de 20 'de Julho de 1971, resumiu o seu modo de ver nos seguintes pontos:

«1.^a O nome *Sartde* — *redus* não figura, efectivamente, na colecção de vários milhares de antropónimos visigodos do N. da Península, que reuni;

2. ° A «evolução esporádica ido genitivo—*redi* para—*rémi*(\a normal é — rei) é um fenómeno tardío que não pode ter intervindo na historia de *Santarém*;

3. ° A legitimidade histórica desta forma e o seu carácter hagio-nímico não sofrem a mínima dúvida;

4. ° Tenho a impressão de que o nome da sainte (cujo culto deve ter sido milito importante para poder apagar o antigo nome *Scalabis*) foi adoptado sob a sua forma grega *Eirènè*, a qual transparece através de *Santa Eiren* de 985, que creio também só pode interpretar-se como reflexo do culto da santa escalabitenia;

5. ° A existência do nome visigodo *Siserigo* I (que é muito comum na Idade Média) não prova nada. Se adnida se tratasse de uma (villa) *Siserizl*».

O meu sábio «e dedicado Mestre teve ainda a bondade de me enviar umas noites que tomou para fazer a icrítica da hipótese de Mons. Miguel de Oliveira (que não chegou a publicar), idas quais extracto os «passos seguintes, por serem bem elucidativos:

«Em princípio, *Santarém* poder-se-ia ligar, evidentemente, a um antropónimo *Sande* — *redus*, visto que, de falcto, o genitivo em *redi* evolucionou, esporádicamente, a par de *rei*, para — *rêm*, e que o

-elemento *sand* — gót. *santh* ((verdadeiro) —aiparece >bom ta variante *sant*: *Santiães* > *Sandiães*.

Mas pergunto: Da presença de um ainitropónimo *Seserigo* será legítimo admitir que a referida incursão de Afonso III (sem consequências duradoiras, que se sailba)¹ desse áso à fundação de uina villa *Sanderedi*, tipo desconhecido ia sul do Mondego?

Será crível que um lugar com uma situação tão privilegiada esperasse para ser povoado >ou repovoado, em condições manifestamente precárias, por uma correria de Afonso III?

Pergunto ainda: Teria o lugar assim povoado e encravado em território inimigo as condições de se desenvolver de forma a merecer do viajante árabe Al-Bakri(t 1094) e, meio século mais tarde, de Edrici, a qualificação de cidade tão importante como a própria Lisboa?»

Consultado também sobre este problema o Sr. Doutor Rui de Azevedo, o ilustre historiador e diplomata informou-me, em carta de 26 de Julho de 1971:

«Quando Mons. M. de Oliveira publicou o trabalho em que impugnou a interpretação tradicional sobre esse temiai, sobrevieram dúvidas ao meu espírito quanto aos fundamentos dessa impugnação. Eu esitava bastante apegado às razões defendidas por David Lopes ⁽¹¹⁸⁾ no sentido da tese tradicional. E recordo-me de, há .anos, ter conversado sobre o assunto, em 'Coimbra, com o Dr. Joaquim da Silveira, que também partilhava da opinião daquele nosso arabista.»

A opinião de Joaquim da Silveira (é de grande peso por se tratar de um grande 'especialista em assuntos de toponímia portuguesa.

Por sua vez, o Sr. Dr. José D. Garda Domingues, em carta de 5 de Agosto de 1971, rematava com as seguintes palavras as considerações feitas sobre *Santarém* nas obras dos escritores árabes dos séculos X a XVII:

«Não sou contrário à ideia de que o topónimo Santarém provenha, 'como diz a tradição, de Santa Irene. Essa tradição foi conhecida pelo geógrafo árabe oriental do século XII, laoute.»

I⁽¹¹⁸⁾ «Os árabes nas obras de \Aillexandre Herculano» em *Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciencias* de Lisboa, IUI i(1910), pp. 216-217, e *Nomes Árabes de Terras Portuguesas*, Lisboa, 1968, pp. 113-114.

Vê-se, portanto, que a teoria de Mons. Miguel de Oliveira não conseguiu impor-se às pessoas que se dedicam a problemas históricos e toponímicos da Idiaide Média.

Com estas eruditas achegas o meu artigo fica sobremaneira valorizado, motivo por que as agradeço, muito reconhecido, aos seus respectivos autores ⁽¹¹⁹⁾.

>⁽¹¹⁹⁾ Depois de impresso este trabalho, tive conhecimento de três localidades espanholas denominadas Santa Helena.

A primeira ficava no termo de Sahagún, diocese de Leão, sendo ela titular dum mosteiro a 3/3/1051: «in valle de Cespece uno monasterio quod vocitant *Sancta Elena* cum sua villa» (Most. de Sahagún, Becerro gótico, fl. 17-17v.) e servia de limite aos bens do most. de Sahagún, em '1068: «ad terminum qui 'discurrit de *Sancta Elena*» (fl. 5 e ipergams. n.®* 33 e 66)..

A segunda era um dos quatro castelos do território de Toronho, Galiza, doados à rainha D. Teresa por Afonso IX de Leão, após a anulação do seu casamento com ela (1194/5): «...Et debent dari quatuor castella in Toronio in manu G. Pelagii (...), scilicet, Soveroso, Entenza, Tebtam et *Sanctam Helenam* et debet illa recipere per portarium regine domne Tarasie et debet facere omnium regine...»f(Torre do Tombo, Mosteiro de Lorrão, m. X, n.* 30). Este castelo menciona-se em vários documentos do «Becerro da Catedral de Tuy», fis. 14, 16v., 41, 88v., 144, etc.

A terceira menciona-se no tombo do mosteiro de Santa IMaria de Sòbrado (Galiza): «de omni hereditate nostra de Barceal '(...), domos quas habetis in *Sancta Helena*» (Tombo de Sobrado II, fl. 107-107v., ano 1202) e «totum quod habetis in Barceal et in *Sancta Elena*» '*ibidem*, ifl. 79, em 1220).

O mesmo tombo menciona também 'Santa Helena como orago de uma freguesia: «in terra de Govis in villa que vocitatur Venitis in concurrentia *ecclesie Sancte Helene*» (fl. 157, doc. 451, de 1205).

Não sei qual é a *Sancta Helena* mencionada nestes documentos, mas é provável que seja a «*Sancta Eiren*», que se menciona nas margens do Ave, no ano 985, e a «*Sancta Elena*» venerada na freg. de Doções, Vila Verde, em meados do séc. XI, podendo, neste caso, identificar-se, com a nossa Santa Iria.

Não é, com efeito, fácil identificá-la com nenhuma das homónimas orientais, que parece não terem tido culto popular na Península (Cf. notas 65 e 66). Pelo menos a de Sahagún não deve ter relação com Santa Irene de Tessalónica, mencionada a primeira vez no calendário de Silos do ano 1052, porque já era titular de um mosteiro em 1051 e, portanto, anterior ao calendário de Silos.

Ao ilustre investigador e toponimista Rev.º P. Domingos (Moreira agradeço muito ter-me chamado a atenção para estes documentos.

A P Ê N D I C E

Fontes litúrgicas do culto de Santa Iria

I — CALENDARIOS

Santa Iria está mencionada a 20 de Outubro, em todos os antigos calendários portugueses, manuscritos e impressos ¹), exceptuando os do mosteiro de Alcobça.

Dos calendários estrangeiros mencionam-na apenas quatro da Catedral de Leão (Espanha): — a) o calendário do *Antionério Moçárabe* ²), cujo núcleo primitivo foi escrito na primeira parte do séc» X, mas com muitos aditamentos do séc. XI, que Dom Maur Férotin atribuiu ao **ano 1066** e J. Vives e Æ. (Fábrega a 1067/68, embora alguns sejam anteriores ³):—b) os calendários *Obituários* 12, 18 e 28, o primeiro escrito depois do ano 1258 e os outros dois no último terço do séc. XVI ⁴)w

Na transcrição dos textos referentes a Santa Iria, tanto nos calendários como nas outras fontes, desdobrei as abreviaturas» excepto nos casos em que ainda hoje se usam; escrevo com maiúsculas os nomes próprios e sublinho as palavras que venham em aditamentos posteriores.

¹) No Breviário e Missal bracarense de 1920-1924, vem a 23 de Outubro.

²) J. Vives y A. Fábrega, «Calendários Hispánicos anteriores al siglo XIII», in *Hispanist Sacra*, II, pp. 344-347 e 368-373.

³) *Le Libet Ordinum*, p. XXXII. e 451-495. Para J. Vives e A. Fábrega «El calendario, pues, en su núcleo primitivo es del tiempo de Ikila [917-960]. Lo malo es que presente, según hemos dicho, tan numerosas interpolaciones, algunas sin duda anteriores a las del escriba Arias [1067-1068]. Es difícil, por no decir imposible, distinguir con precisión todo y solo el núcleo original» (<obra cit., p. 347).

⁴) 'Luis López Santos, «Calendarios litúrgicos leoneses», in *Archivos Leoneses*, X (1956), p. 119-141.

O «*Calendarium Romanum*, in quo plurimi festi dies sanctorum secundum consuetudinem Olisiponensis ecclesie adiecti sunt» (sem data, mas tomado obrigatório por um decreto do Cardeal-Infante D. (Afonso, de 26 de Agosto de 1536) diz que a festa de Santa Iria se encontrava nos seguintes breviários: «Herena in Salusbriensi, Bracharensi et Eborensi, *tectiones et orationem*. In Compostdano, *orationem*» (Bibi. Nac. de Lisboa, Res. 1759 P, fl. 8)-.

O breviário «*Salusbriense*» é o de Lisboa, segundo o costume litúrgico de iSalisbury, mas não conheço nenhum exemplar deste breviário.

Também desconheço o antigo breviário de Compostela, com a oração do ofício de Santa Iria. Na referida enumeração omitem-se os breviários de S. Simão da Junqueira (1514) e de Santa Cruz de Coimbra (1531).

- 1) *Calendários da Sé de Leão:*
 - a) *Do Antionário;* de c. 1067 (grav. 2):
«Sancte Erene virginis in Scallabi castro» ⁽⁵⁾,
 - b) *Dos Obituarios dos slécs. XII e XIII:*
«Herene virginis»*

- 2) *Calendários da Sé de Braga:*
 - a) Do Missal de Mateus, anterior a 1176:
‘«Drene virginis N(ovem lect.)l ⁽⁷⁾».
 - b) Do Breviário de Soeiro, dos princípios do séc. XV, mas cópia de outro de c. 11340:
«Heirene virg. et mart. aipud Sanctarenam» ⁽⁸⁾.
 - c) Do Ritual Bracarense, de c. 1450:
«Herenam virg. et mart. apud Sanctarenam» ⁽⁹⁾.
 - d) Do Diurno Bracarense, escrito entre 1455-1467:
«Herene virg. et mart. IX ledt.»⁽¹⁰⁾.
 - e) i Dos Breviarios (Bracarense de 1478, 1494 e 1512 e dos Missais Bracarense de 1498, 1512 e 1538:
«Herene virg. et mart. IX lect.».
 - f) Dos Breviários Bracarense de 1634 e 1724:
«Irenae virg. et mart. Semiduplex».
 - g) Do Breviario e Missal Bracarense de 11920-1924, a 23 de Outubro:
«Irenae virg. et mart. Duplex».

- 3) *Calendários de Coimbra:*
 - a) Da colegiada de >S. Bairtolomeu, de c. 1340:
«Herene virg.» ⁱ⁽¹¹⁾ .
 - b) Do Mamuaflle iColimbriensis eclesiie, de 1518:
«Erene virginis et martyris. IX lect.».

- 4) *Calendários de Évora:*
 - a) Do IMissale Elborensis Eodesie, de 1509, e do Breviarium secundum consuetudinem Sainete Elborensis Ecclesie, de 1528:
«Herenae virginis et martyris. Duplex.».

⁽⁵⁾ J- Vives y Á. Fábrega, *obra cit.*, p. 372 e lamina XVI.

⁽⁶⁾ L. López Santos, *obra cit.*, p. 134.

⁽⁷⁾ Biblioteca Públ. de Braga, ms. sem n.º. Cf. Pierre David, *Études Historiques*, p. 534.

⁽⁸⁾ Bibl. Públ. de Braga, ms. 657. Cf. J. A. Ferreira, *Estudos Histórico-Litúrgicos* (Coimbra, 1924), p. 323.

⁽⁹⁾ Biblioteca Públ. Mim. do Porto, Fundo Azevedo, ms. 81.

⁽¹⁰⁾ Bibl. Públ. de Braga, ms. 1. Tinham calendários idênticos os Breviarios Bracarense do séc. XV, denominados *Breviário de letra miúda* e *Breviário de Velasco* pelo P. António Pereira de Figueiredo, que os aproveitou na sua *Dissertação crítica sobre o antigo e moderno calendário bracarense*, mss. da Academia das Ciências de Lisboa e da Biblioteca Públ. de Évora.

⁽¹¹⁾ Academia das Ciências de Lisboa, *Calendário-obituário da Colegiada de S. Bartolomeu de Coimbra*, ms. 1169 A.

- 6) Do *Breviarium Eborensis*, de 1548, e do *Missale Eborensis*, do cardeal D. Henrique:
«Irenae virginis et martyris. Duplex minus».
- 5) *Calendários de Lisboa*:
a) Do (Próprio de 1536:
«Herene virginis et martiris. Solemne gña (?) Sanctherene. Duplex maius, totum officium» ⁽¹²⁾.
b) Do Próprio de 1590 e 1598:
«S. Irenae virginis et martyris. Duplex» I^(12 a).
- 6) *iDo Santoral Beditino*, dos meados do Séc. XV:
«Yree vir. XII lect.» <¹⁵⁾.
- 7) *Do Breviário dos Carmelitas* de Lisboa, escrito entre 1456-1478:
«Sancte Herene virginis et martyria. IX leccionum» I⁽¹⁴⁾i
- 8) *Calendários de Santa Cruz de Coimbra*, dos sécs. XII a XVI:
a) «Herene virginis et martyris» I^{(15 X}
b) «Herene virginis et martyris iScalabicaastro».I⁽¹⁶⁾.
c) «Herene virginis Scalabi Castro IX lect.» ⁽¹⁷⁾.
d) «Sancte Herene virginis et martyris Scalabicaastro IX lee.» K⁽¹⁸⁾1.
e) «Herene virginis et martyris. Sanctaren. IX lect.» ⁽¹⁰⁾l
- 9) *Calendário do Breviário* de S. Si mão da Junqueira, de 1514, mas cópia de um anterior (Bibi. Univ. de Coimbra, R. 6-14):
«Herene virginis et martiris».
- 10) *Do Breviarium ad usum fratrum S. O. Sanctissimae Trinitatis de Redemptione captivorum*, de 1545 i(Bibl. (Nac. de Lisboa, Res. 1943 P):
«Erene virginis et martyris. IX lect.»
- 11) *Missale Benedictinum*, de Valhadolid, em aditamento do séc. XVII:
«Irenae virg. et mart. II in capis».

⁽¹²⁾ Cf. *Calendarium Romanum*, citado na nota 4.

⁽¹²⁾ cf. nota 74 deste Apêndice.

⁽¹³⁾ Bibi. Mun. do Porto, ms. 1101, actual 109.

⁽¹⁴⁾ Parma, Biblioteca Palatina, ms. Parmensi 141. Cf. P. Kallenberg, 'O. Carm., *Fontes Liturgiae Carmelitanae* I(Roma, 1962), ipp. 179 e 181. No próprio omite o ofício desta santa.

⁽¹⁵⁾ Bibl. Mun. do Porto, mss. 114 e 1159.

⁽¹⁶⁾ *Ibidem*, N.ºs 50, 51, 794 e 843. O mesmo no calendário do *Breviarium secundum usum insignis Monasterii Sancte (Crucis Colimbiensis*, de 1531.

⁽¹⁷⁾ *Ibidem*, N.º 101.

⁽¹⁸⁾ *Ibidem*, N.º 37.

⁽¹⁹⁾ *Ibidem*, N.º 368.

II — MARTIROLOGIOS :

- 1) *Da Biblioteca Pública de Braga*: «Scalabiorastro Sancte Herene virginis et martyris»⁽²⁰⁾,
- 2) *Da Sé de Coimbra*, séc. XIV:

«Eodem die in Hispania Scalabi 'Castro natale Sancte Herene virginis et martiris a qua sancta sumpsit nomen dictum castrum et ex tunc dicitur Sanctarena» f⁽²¹⁾t

- 2) *Da Sé de Lamego*, escrito no ano 1262:
«Eodem die apud castrum Scalabie)sio> natale Sancte Herene virginis et martiris» i⁽²²⁾.
- 3) *De Santa Cruz de Coimbra*, séc. XEI-XIII:
«Scalabicastro Sancte Herene virginis et martiris *festum duplex*»⁽²³⁾.

III — LADAINHAS

Num fragmento de livro litúrgico, do séc. XHT-XIV, com a ladainha de todos os santos, que Pierre David classificou como «Litania gallo-hispanica» invoca-se «Sanefa Herena», entre as Santas Ágata e Catarina. (Bibl. QPúbl. de Évora, L.* 140).

IV — LENIDAS DE- SIANTA IIRIA

1. *Texto B* — Hinos do Breviário Braoarense de Soe&ra⁽²⁴⁾, do de S. Simãb da Jujnqueirta⁽²⁵⁾ e do Próprio de Lisboa (**)

Dá-se o texto crítico, aproveitando as melhores lições das três fontes, cujas principais variantes se indicam.

⁽²⁰⁾ IMs. 649, do séc. XV.

⁽²¹⁾ *Liber Anniversariorum Ecclesiae Cathedralis Colimbriensis*, ed. de Pierre David e Torquato de Sousa Soares, II (1948), 209.

⁽²²⁾ Torre do Tombo, (Martirologigo-Obituário da Sé de Lamego, fl. 71v.

⁽²³⁾ Bibl. Mun. do Porto, ms. 101, fl. 51.

⁽²⁴⁾ Biblioteca Pública de Braga, ms. 657, tfl. 60-60v., entre os hinos de Santa Ca'tavina e da Dedicção da Igreja.

⁽²⁵⁾ *Breviarium secundum Ordinem Divi Augustini*, de 1514 r(Bibl. Geral da Univ. de Coimbra, R-6-14, fl. 446v. Este Breviário só traz o hino de Laudes, mas pondo-o em Completas antecedido da rubrica: *Ad Completam hymnus*).

⁽²⁶⁾ *Calendarium Romanum* (Cf. nota 4 deste Apêndice)v fis. 36-38.

AD VESPERAS

Hymnos

Collaudantes veneremur
Herene sollemnina
Nisu toto deprecemur
Eius patrocina
Ut cum ipsa gloriemur
In celesti patria.

De clara stirpe manavit
Virginis nativitas
Sed eam plus decoravit
Virtutum nobilitas.
In hac enim⁽²⁷⁾ habitavit
A primevo Deitas.

Virgo *sancta* comprobatur
Multis mirabilibus
Nam illius si tangatur

Melota cum crinibus⁽²⁸⁾
Omnis languem liberatur
A suis langoribus.

Per quam gressum habent claudi
Leprosi mundiciam
Per hanc Ihesu nos exaudi
Donans rex veniam
Ut posisimus tue laudi
Dignam dare gloriam.

Patri dentur atque Proli
(Laus, honor et gloria,
•Oum Spiritu Deo soli
Per secula peremnia
Cum Iherena quili²®)¹ nos poli
Perducat ad gaudia, Arnen.

AD MATUTINUM

Hymnus τ⁽³⁰⁾

Collaudatare^{*(31)} studeamus
Herenam cum cantibus
Quam laudando demonstramus
Fulsisse virtutibus
Si ad plenum dixeramus
De illius actibus.

Dum oleo vas servavit
Per multas vigiliis
Idcirco gaudens intravit
Ad celestes nupcias,
Ubi vite quas optavit
Percipit delicias.

IN LAUDIBUS

Hymnus

In hac die recoHatur
Virgo cum leticia
In qua de mundo levatur
Ad regna celestia
Ubi sponsum amplexatur
Grata fruens gloria.

Virgo minas impiorum
Non timens in prelio
Renuendo viri thorum
Vitam finit gladio
Sic est victrix in celorum
Sublimata solio.

⁽²⁷⁾ Em Soeiro: eam.

⁽²⁸⁾ Em Soeiro: *criminibus*, o que é erro manifesto, tanto pelo sentido (crimes em vez de cabelos) como por o verso ficar mal construído.

⁽²⁹⁾ *Qui* deve referir-se a Deus, como traduziu o P. Mário Martins, mas ficava melhor *que*, referido a Herena como traz o Breviario de S. Simão da Junqueira.

⁽³⁰⁾ Em Soeiro: *In noct. kymnum*.

⁽³¹⁾ Em Soeiro: *Collaudantes*.

O quam pallam demonstratur
 Virginalis sanctitas
 Dum cœlitus revelatur
 Iu venis in infirmitas
 Et per tactum restauratur
 Insperata sanitas.

Quia ,(32)' gratis conservavit
 Virginalis lilium
 Atque tandem consumavit
 Vitam per martirium
 Bina suium decoravit
 Aureola premium.

Per quam egros, Ihesu bone,
 Sanas multipliciter
 Per hanc fac nos in agone
 Sic pugnare fortiter
 Quod in celli regione
 Letemur feliciter.

Ihesu bone, te precamur (33)
 Ut Herene precilibus
 In presenti sic solvamur
 A reati (34); nexibus
 Quod post mortem ooniungamur
 Angelorum cetibus.

Patri dentur...

Patri dentur...

Tradução dos hinos feita por Mário Martins: «Corno se vê, tirata-se dum hino moQldialdo nos quadros rítmicos do *Pange lingua* e vamos traduzi-lo com a fidelidade possível (36)

ICom muitos louvores, veneremos a festa de liria, com todo o empenho imploremos o seu patrocínio, para com ela sermos glorificados na celeste pátria.

iDe nobre stirpe saiu o nascimento da virgem, porém, mais a honrou a nobreza idas virtudes, pois nela veio habitar a (Divindade, desde a infância.

Prova-se a santidade da virgem com muitas maravilhas, pois ise algum doente toca no melote ou nos cabelos, fica livre das suas enfermidades.

Por ela, põem-se os coxos a andar, os leprosos ficam limpos: por ela ouve-nos, ó Jesus, concedendo, 6 Rei, o perdão, a fim de podermos dar o devido louvor à tua glória,

Dêem-se, juntamente oom Iria, ao Pai e ao Filho louvor, honra e glória, com o (Espírito, um só Deus, por todos os séculos, o qual [Deus] nos conduza às alegrias do céu, amen.

Com muitos louvores, veneremos Iria, por meio de cânticos e, louvando-a, mostramos que ela brilhou com virtudes, se perfeitamente falarmos das suas acções.

Conservou o vaso com azeite, durante muitas vigílias e, par isso, enitrou alegremente nas celestes núpcias, em que goza as delícias que ela escolheu.

Ó, como claramente se mostra a santidade virginal ao ser-lhe revelada, pelo céu, a enfermidade do jovem e ao restituir-lhe inesperadamente a saúde, tocando-o!

(32) No Breviário de S. Simão da Junqueira: *Tria*.

(35) Em Soeiro e no Próprio de Lisboa; *deprecamur*.

(34) (Em Soeiro: *Amplexa*, e no Próprio de Lisboa; a *peccatis*).

(35) «A nossa poesia religiosa em latim rítmico», em *Brotéria*, t. 51 (1950)', pp. 13-17, e em *Estudos de Literatura Medieval* ((1956), p(p. 487-490.

Ó bom Jesus, por aquela por meio da quai tu cuiras (tantos doentes, faze que nós de tal modo trabalhem com (fortaleza que nos alegremos, felizmente, na terra do (Paraíso.

Dêem-se ao Pai e ao Filho...

Celebremos, neste dia, a virgem com alegria, por neile ser levada do mundo aos reinos celestiais, onde ela abraça o Esposo, gozando de agradável glória.

A virgem, não temendo, no combate, as ameaças dos ímpios, recusando o matrimônio, acaba a vida à espada e, assim, é vitoriosamente exaltada ao trono celeste.

E porque conservou, sem recompensa, o lírio da virgindade e consumou, finalmente, a vida com o martírio, ornou a sua récompensa com uma dupla auréola.

Ó bom Jesus, nós vos pedimos que, pela intercessão de Iria, de tal mo(do sejamos livres dos laços que prendem que, depois, nos ajuntemos aos coros dos anjos.

Dêem-se ao OPaá e ao Filho...

2. *Texto C* — Lições 'dos Breviários Braoarenseis de 1478, 1494 'e 1512, e do Breviário de Santa Cruz de 1531

Transcreve-se o texto do Breviário Bracarense de 1478 ⁽³⁶⁾, por ser o mais antigo e o mais completo, mas corrigindo-o pelo dos outros três, quando for mais correcto, v. g., sempre que o de 1478 escreve *Castinaldus* com *K*, ci em vez de *ti* sibilante, etc. Indicam-se apenas as principais variantes, a maior das quais é a data, que no Breviário de 1478 é «*armo Domini VI^e LUI.º*» (653) e nos outros: «*anno Domini millesimo quinquagesimo tertio*» (1053).

Herene virginis et martyris

Lect. I.^a Tempore nobilissimi atque christianissimi Castinaldi et ⁽³⁷⁾ Cassie, coniugis eius, qui principabantur ⁽³⁸⁾ apud Nabantiam, fuit quedam monialis virgo, IHerena nomine, nobilis progenie, sed virtutibus nobilior, anno ⁽³⁹⁾ /Domini (VI^e DIII.º Hanc quoque Remigius monachus religiosus valde edoctus docuerat tam litteras quam mores, s>ub gratia nobilium parentum Hermigii et Eugénie, et ex permissione abbatis Selii.

Lect. II.^a Qui frater Eugenie matris ipsius virginis extitit. Et in cenobio magno sancte virginis Marie degebat in loco parum concavo cum quadraginta quatuor scapularis monachis iuxta torrentem qui dicitur Effon, quasi sine fonte. Super autem hoc cenobium, versus aquilonem, erant constructa mira palatia predicti Castinaldi cum villa pulcherrima dicta (Nabantia.

⁽³⁶⁾ Biblioteca de El Escorial, ms. e-IV-10, fis. 420v.-422.

⁽³⁷⁾ INos breviários de 1494 e 1512: *atque*.

⁽³⁸⁾ o Breviário Bracarense I(1512) tem *principaliter*, o que é erro.

⁽³⁹⁾ Os Breviários de 1494 e 1512 acrescentam *scilicet*.

Lect. III.^a Sub hac villa vivebat Sancta Herena cum monialibus sanctis Deo valde devotis, qualium due sorores patoris eius erant, scilicet, Casta et Iulia, que ibi postea fuerunt sepulte in singulis lapideis monumentis ubi e di ficatum est opus paitvum et pulchrum, in modum arcuate domus.

Lect. IIII.^a Hec autem sanctissima Herena consueverat semel in anno ad ecclesiam beati IPetri oum aliis monialibus orationis causa venire, que ecclesia erat iuxta palatium CaStinaldi, ubi ipse fere semper omnes horas audiebat. Quam ⁽⁴⁰⁾ virginem videns, filius Castinaldi unicus nomine Britaldus concupivit eam et amore eius egrotavit.

Lect. V^a ⁽⁴¹⁾ Cum autem multum affligeretur et de eius vita omnes nimis condolerent, queruntur medici, sed morbum non perpendentes nullum penitus egritudini eius poterant dare remedium.

Lect. VI^a Sancta vero Herena sciens causam unde infirmaretur, visitans consolatur eum dissuadens ei quantum ipotesit quod concupierat. Tunc ille sic sibi respondens ait: Si alii compleveris quod mihi denegas, te gladio percutiam, ut ultra non vivas. Tunc illa: (Absit, inquit, a me, frater mi, ut tuam vel alterius nephandam compleam voluntatem. Et impositis super eum manibus, et oratione facta, rediit in domum suam. Et tunc iuvene sanato referunt Deo gratias et Sancte Herene parentes eius, munera delegantes.

Lect. VII^a Secundum Mattheum ⁽⁴²⁾. II. In illo tempore, dixit Jesus discipulis suis parabolam hanc. Simile egt regnum edorum thesauro abscondito in agro, quem qui invenit homo abscondit et pre gaudio illius vadit et vendit universa que habet et emit agrum illum. Et reliqua. *Omlia ieccionis eiusdem* ⁽⁴³⁾.

(Post hec biennio elapso intravit sathanas in (Remigium monachum magistrum eius, et concupivit eam, et modo blandiciis et modo minis inquietare non cessabat. Que coacta sic ei respondit: Magister bone, usque modo magistrasti mihi veritatem et omne bonum, castitatem videlicet, humilitatem, patientiam, continentiam et ceterarum virtutum perfectionem servandam, et modo Deo adversus his contraria doces.

Lect. VIII^a Ille autem, videns se nihil proficere, unius herbe succum sibi artificiose in potum tribuit, et mox intumuit venter eius ac si ⁽⁴⁴⁾ pregnans esset. Et sic infamata per eum, cepit contemni et obprobrio haberi. At illa vero admirans asserebat se virum non cognovisse, sed venter tumens maiorem fidem faciebat credentibus.

⁽⁴⁰⁾ (No breviário de 1478: *quarum*.)

⁽⁴¹⁾ O Breviário de Santa Cruz fundiu numa só as lições IV e V, motivo por que numerou a VI como V, saltando depois para a VII. O (Breviário de 1478 omitiu a rubrica *Lect. VII^a*.)

⁽⁴²⁾ O Breviário de Santa Cruz omite o Evangelho.

⁽⁴³⁾ O Breviário Bracarense de 1512 omitiu esta rubrica e o de 1494 substituiu-a por *De festo*.

⁽⁴⁴⁾ No breviário de 1494: se.

Lect. JX.® Quo comperto, filius Castinaldi iterum pulsat eam minis et precibus et repulsus iterum, nimio furore repletus, precepit cuidam militi de patris sui -curia, amico suo charissimo, ut eam lantermer *gladio* (perimeret, et in fluvium deficeret, ut tantum facinus melius occultetur ⁽⁴⁵⁾). Qui miles protinus insidiatus est ei, et cum fonte eam stantem et orantem post matutinas laudes ante crepusculum diei in ripa fluvii conspexisset ⁽⁴⁶⁾, accedens obturavit pannis os eius et, exutis vestibus præter melotam, gladio confodit guttur eius, et sic defunctam proiecit in fluvium i⁽⁴⁷⁾l. Qui mox penitens cum Remigio monacho Romam ivit et ibi ambo sub penitencia mortui sunt.

3. *Texto D* — Ofício do Breviário de S. Simão dia Junqueira (1514)

As antífonas e responsórios são idênticos aos do texto G (cf. p. 56), mas com variantes e lacunas que mostram serem os dois textos independentes entre si, devendo, todavia, provir do mesmo arquétipo.

In natale Sancte Herene virginis et martiris

AD VESPERAS

Super psalmos aña. In Herene leta memoria, laudet Christum mater Ecclesia. IAdiuvante eius clementia, vicit mundum, carnem, demoni a. Plaudat tota celertis curia, hanc consortem habens in gloria. *Psalmi feriales.*

Capitulum. Qui gloriatur in Domino. *V.* (Diffusa est gratia.

Ad Magn. aña. Absoluto carnali vinculo, scandit celum carens obstaculo, saciatuir vitali pabulo.

Oratio. Beate Herene virginis et martiris tue solemnitatem venerandam, quaesumus, Domine, Ecclesia tua devota suscipiat, et fiat magne glorificationis amore devotior, et tante fidei proficiat exemplo. *Per.*

Invitatorium. Laudes, Ecclesia, Christo multiplica. *P.* Herene gaudia qui dedit célica. *Ps.* Venite exultemus.

In I noct. aña. (Feminarum quodam cenobio iunctum (Nabam quod heret fluvio sanóte fuit habitatio f⁽⁴⁸⁾) *Ps.* Domine, Dominus ⁽⁴⁹⁾ noster. *Aña.* Precum instans vigiliis ⁽⁵⁰⁾, semel post anni circulum Sancti Petri cum aliis visitabat⁽⁶¹⁾-, oraculum. *Ps.* Celi enar. *Aña.* Preces erebo fletui ieiunans iungefoat et carnem spiritui servire cogeat. *Ps.* Domini est ter. *V.* Diffusa est.

⁽⁴⁵⁾ Os Breviários Bracarenses de 1494 e 1512 terminam aqui a narrativa, deixando-a incompleta ((fis. 279 e 453-454, respectivamente).

⁽⁴⁶⁾ iNo Breviário de Santa Cruz o texto tem a seguinte redacção «...et cum orantem post matutinas laudes ante crepusculum diei in ripa fluvii eam conspexisset».

⁽⁴⁷⁾ O *Breviatum Sanctae Crucis* (1531) termina aqui a narrativa ((exemplar da Bibi. Geral da Universidade de Coimbra, R-3-16, fis. 489v.-490v.).

⁽⁴⁸⁾ Em G: *inhabitatio*.

⁽⁴⁹⁾ Em G: *Deus*.

⁽⁵⁰⁾ Omissa em D.

⁽⁵¹⁾ Em D: *insultabat*, o que é erro manifesto.

Lectio I. Tempore quo nobilissimus atque christianissimus Castinaldus,, vir nobilis Cassie, principaretur apud Nabanciam^ Herena sancta virgo ac monialis pulcherrima, DJC.UIIIE ab incarnatione (Domini nostri Ihesu Christi, cuius fides iam sparsa, longe lateque firmiter tenebatur. Tu.

R. Herena vas repletum gratia, falsa mundi contempsit gaudia. *P.* Expedite currens ad premia sine carentia. *V.* In agone stans, (Christi famula a se cuncta ¹.(⁵²) pellit obstacula. *P.* Expedite.

Lect. sec. Beata igitur Herena nobilissima fuit progenie, sed virtutibus nobilior. Nam ab infantia sua (Dei gratia repleta, divinis semper inherebat studiis. Hec virgo erat pudica, pia, simplex, humilis, ieiunatrix, et exoratrix, nimium in sanctis lectionibus studiosa, et in omni Dei servicio et genitricis eius omniumque sanctorum devotissima permanebat. Tu.

R. Adolescens Britaldus nomine admiranda pre pulchritudine (⁵³) infirmatur. *P.* Defixo lumine in sancta virgine. *V.* iMedelle penitus hic apem perdidit amor illicitus quem egrum reddidit. *P.* Defixo.

Lect. III. Remigius namque religiosus et doctissimus monachus, eam' tam litteras quam mores docuerat, sub gratia nobilium parentum suorum Hermigii et Eugenie nomine et domni abbatis Selii, qui frater Eugenie matris ipsius virginis eXtitit, et in cenobio magno Beate Virginis iMarie degebat, in loco parum concavo cum XIII scapularis monachis iuxta torrentem qui dicitur Elffom, vel qui ffit sine fonte, et sinuose labens in Nabam ibi descendit. Tu.

R. Sunt parentes tristes ob filium, sed qui promptus est ad auxilium, iuvat Christus. *P.* Sic reddit gaudium in mentes tristium. *V.* (Morbum sancta noscit divinitus, tantus (⁵⁴) eger fit sanus penitus. *P.* Sic. *V.* Gloria.

In II noct. añã. Temptatur Remigius qui sanctam instruxerat, et eius ardentius amplexus desiderat. *Ps.* Eructavit. *Añã.* Pudor propulsatur, /Venus hunc stuat, sanctam deprecatur sibi quod annuat. *Ps.* IDEUS noster. *Añã.* Nunc minis alloquitur nunc illi blanditur. Hec l(⁵⁵) minis non frangitur nec blandieris (⁵⁶) molitur-. *Ps.* Magnus iDominus. *V.* iSpecie tua et pul.

Lect. quarta. Super hoc autem cenobium versus aquilonem in loco plano et eminentiori erant predicti iCastinaldi palacia, cum villa pulcherrima dicta Nabancia, a fluvio distante iaotu lapidis imo vel minus. 'Sub villa ista super Nabam sancta vivebat Herena, cum devotissimis 'Deo monialibus, quarum due sorores patris eius erant, scilicet dona Casta et Iulia que ibi postea fuerant sepulte pariter in singulis lapideis monumentis. Tu.

R. Herbe succus in potum traditur, cuius haustu non virgo concipitur. *P.* Sub re falsa dum verum creditur. *V.* Actor mali verum hoc asserit, 'virginalis» sic fama deperit. *P.* Sub.

(⁵²) Em G: *asecuta*.

(⁵³) Em G' *admirandam per pulchritudinem*.

(⁵⁴) Em G: *tactus*.

(⁵⁵) Omissa em D.

(⁵⁶) Em D: *blandis*.

Lect. V. (*Aid* honorem quarum edificatum est opus parvum et pulchrum in modum arcuate -domus, intus et foris quadratum, super ipsarum monumenta. Quod opus coram se habuit quasi domum quadratam et in medio eius pavimento coligebatur aqua munda, que a longe veniebat subtus terram per canales, ut esset melior, frigidior et sanior utentibus eam.

R. CEn virginem surgunt opprobria: devitantur eius eloquia ⁽⁵⁷⁾. *P.* Nam placebant ⁽⁵⁸⁾ cunctis iudicia quod fuisset hominis conscia. *V.* Virgo viri prorsus incognita secum mirans fit valde territa. *P.* Nam placebant cunctis.

Lect. VI. Per circuitum vero ipsius fontis, moni allium claustra erant valde decora. Sancta vero Herena ex claustro proprio consueverat semel in anno in festo beati Petri cum ceteris monialibus orandi causa pergere ad eodlesiam beati Apostoli, que iuxta Castinaldi palacia erat edificata, laudabili opere decorata, et plena sanctorum reliquiis, ad quam vir nobilissimus Castinaldus cum militibus suis et aliis gentibus, ut divina officia audiret, pene quotidie veniebat.

R. Hoc Britafldum (factum non latitat, rursus illum Venus exagitat. *P.* Et nunc minis virginem concitat, nunc blandis fatigat |(⁵⁹)|. *V.* Ignem fovens illicitum, sancte cupit concubitum* *P.* Et. *V.* Gloria Patri.

In III noct. añã. A Britaldo monitus ⁽⁶⁰⁾ necat quidam miles sanctam prorsus coitus nolentem viriles. *Ps.* Cantate. *I Añã.* lin Ozecarum fluvium et del⁽⁶¹⁾ Nabam coipusculus ex hoc transit in alium cui Tagus est vocabulum. *Ps.* Dominus regnavit. *Añã.* Hic ⁽⁶²⁾ miles et Remigius Romam vadunt celerius, ubi sub penitentia migrant iuvante gratia. *Ps.* (Cantate. *V.* Adiuvabit.

[VÍ//.] *Secundum Matheum.* In Hio tempore dixit Ihesus d. s. parabolam hanc. Simile est regnum celorum thesauro abscondito in agro, quem qui invenit homo abscondit, et pre gaudio illius vadit et vendit universa que habet, et emit agrum illum* *Elt* reliqua.

Hotnelia item de historia sua.

Hic autem princeps habebat unicum filium Britaldum nomine, probum, alacrum, speciosissimum. (Qui audiens Herene sancte pulcritudinem, et in casu semel cum vidisset eam in ecclesia, angustiari cepit fortiter in amore eius, et tamen ob divinum timorem et parentum suorum, domni Selii reverentiam non ausus vim amoris sui detegere, tacendo amore amantium egrotavit. Tu.

R. Sancte sue non «patitur ultra IDEus opprobria, verum latens ostenditur, propulsatur infamia. *P.* Sic sepulta laus nascitur, sepelitur fallacia *V.* Quid fuisset actum de virgine novit abbas divino flamine. *P.* Sic sepulta.

Lect. VIII. De cuius egritudine Castinaldus et Cassia parentes eius nimium condolentes cum universa curia, medicos ad sanandum eum venire

⁽⁵⁷⁾ Em G: *colloquia.*

⁽⁵⁸⁾ Em G: *patebant.*

⁽⁵⁹⁾ Em G: *blandiciis flagitat.*

⁽⁶⁰⁾ Em D: *moni alis.*

⁽⁶¹⁾ Em G: *it per.*

⁽⁶²⁾ Em G: *hinc.*

faciebant, qui diversas proferebant morbi causas, sed morbum non perpendentes, nullum (penitus egritudini eius poterant dare remedium.

R. (Locum ostensum celitus abbas deprecatur concitus i⁽⁶³⁾. *P.* Ubi corpus a populo repertum est cum tumulo. *V.* Sanctitatem propalat virginis solum siccum in aquis 'fluminis. *P.* Ubi.

Jlect. IX. Hanc autem egritudinem divina inspiratione ut sancta cognovit Herena, statim causa pietatis et humanitatis perrexit illuc. Et ad illum ingrediens, exclusis omnibus a palacio, sola solum humiliter ac divinitus sic affatur: (Frater mi, hec infirmitas non est ad mortem, sed Dei miseratione salutem consequeris, si ea que oculi tui ad damnum concupierunt ultro dimittas. Tu.

R. Dum melota contactis crinibus datur salus cunctis languentibus
P. Ihesu clemens, Herene precibus nos coniunge supernis civibus. *V.* Per quam cecis restauras lumina, nobis cuncta relaxa crimina. *P.* Ihesu clemens. *V.* Gloria Patri.

Te Deum laudamus.

IN LAUDIIBUS

Añã. Adest dies gaudio multiplici plena, in iqua celi solio locatur Herena.
Ps. Dominus regnavit, curt reliquis.

Añã. (Paupertas, martirium, decus virginalis virginem ad gaudium doctint etemale.

Añã. (Dum aque Tegi fluminis cursum dimitunt proprium, de sanctitate virginis palam dant testimonium.

Añã. Post certamen nobile celo coronatur, 'ubi delectabile lamen contemplatur.

Añã. Per amoris vinculum herens nato Dei, Herene vocabulum confirmavit rex.

'Capitulum. Qui gloriatur in Domino gloriatur. *V.* Audivit et letata est Syon. *P.* Et exultavit.

Ad iBenedictus añã. Implens sponsa sponsi consilia, manum suam misit ad foitia mundi, namque reliquit omnia, sequens nuda nudi ⁽⁶⁴⁾ vestigia.
Ps. Benedictus. *Oratio ut supra.* Beate Herene.

AD VESPERAS

Añe de Laudibus, cum psalmis de feria, capitula et brevia R.ia de comuni virginum.

Ad Magn. añã. O pudoris liliu, marituru rosa, virtutum armarium ^{f(65)}, gemma radiosa, (fac nostrum colegium prece pretiosa, frui post exilium vita gloriosa* *Oratio ut supra.*

⁽⁶³⁾ Em G: *consciis.*

⁽⁶⁴⁾ Em 'G: *mundi.*

⁽⁶⁵⁾ Omissa em D.

AD OOMPIÆITAJM

Hymnus. Igual ao hino de Laudes no Breviário de Soeiro.
(Bibl. Geral da Univ. de Coimbra, (R-6-14, Ifls. 444-446 v.)i.

4. *Texto E* — Lenldia do Fios Samotonim de 1513

De Sancta Eyrea virgem

¹⁽⁶⁶⁾ «...sob a terra porque (fosse mais limpa, aynda que ligeiramente se pôdesse aver do ryo, airdor da qual sepultura eram has moradas das monjas e crasta asaz devotamente ordenada. E a iSanicta virgem Eyrea hya cada armo hua vez com outras monjas em dia de Sam (Pediro aa sua casa devotamente ouvir os divinos officios, a qual estava acerca dos paaços do dicto Castinaldo, onde eram muy tas reliquias de sanctos. Ally vinham grande gente aa qual assy vinha aquelle nobre homem Castinaldo com sua molher e nobres de sua casa.

Esité ;Castinaldo avia hum soo filho muy aposto mancebo e asaz bem acostumado, muyto homem de prol, en todos seus feytos muy composto. O qual ouvindo dizer da fermosura de Eyrea e de seus boons costumes desejou de a veer, mas o diabo acendeo seu coraçom no amor delia tanto que a vyo e começou seer aricada em seu amor e carnal desejo. Mas sendo refreado, assy com temor de Deus como (polia reverença dos nobres padres da virgem e do reverendo abade seu tyo, nom ousou mostrar seu amor, ante segundo costume dos amantes enfermou tam fortemente que cayo em cama. Da qual cousa os nobres seus parentes muy anojados faziam todo remedio por sua saude vyndo fisicos de todallas partes, mas hos fisicos nom conhecendo a door nem lhe davam alguum remedio que aproveyitasse, posto que muytos fizessem.

Mas a bemaventurada virgem per devinal revellaçom conheceo a causa da door e movida de piedade e assy pollos parentes como muyto mays pollo perriço d'elle e de sua consciencia pedio licença e com alguas de suas irmaas o Ifoy visitar. E querendo com zello de Deus e virtude de caridade remedear «ua payxam quis soo fallar com elle. Ao qual disse muy humildosamente: Meu irmão, esta enfermidade nom he da morte, mas por virtude de Deus averas saude, se tu por Deus negares ao teu coraçom aquello que lhe apresentaram vãamente teus olhos, nem faças aquello que malliciosamente cobiiçaste, refreando a ty mesmo com temor e amor de Deus nem obres en tua carne per que a tua alma seja gravemente atormentada, ca o (pecado ligeiramente se faz, mas a sua puniçom fica pera sempre e hua breve delectaçom da tor-

⁽⁶⁶⁾ Bib. Nac. de Lisboa, Res. 157 A, único exemplar actualmente conhecido, mas muito mutilado. A lenda de Santa Iria abrangia as fis. 241 a 243, mas falta a fl. 241 com os episódios até à sepultura das tias da nossa santa.

mentos sem medida nem termo, porem lembrate irmão que -toda came he feno, e toda gloria do mundo como frol delle.

Ouvindo estas cousas ho mancebo disse: Eu sey que itu conheces a causa de mi[n]ha enfermidade, mas assy sabe que se eu pollo teu amor morer hou tu derees a outrem o que a my negas que ou eu ou outrem por my te matara.

IA quem a sancta virgem disse: Longe seja de my irmão que eu aja de comiprir a tua çuja vontade nem a de alguum outro, mas oro ao meu Senhor Jhesu Christo que te confirme em virtude e bem e te de saúde desta ora adiante e dizendo esto pos as l⁽⁶⁷⁾ mãaos sobre elle. E assy se partio e tornou-se a sua eraustra.

E o mancebo logo se sentyo aliv[i]ado e alevantandose do lecto foy inteiramente são pellas orações da virgem Eyrea. A qual cousa veendo os parentes do mancebo derom muytos louvores a Deus e a -sua serva Eyrea muytas graças e aa casa onde estava grandes esmollas e muyto acrecentarom.

Mas ho diaboo nosso contrairo, nom podendo suportar tanta virtude, quis tentar a sancta virgem. E depois dous annos meteo no coração do monge Remigio, que era mestre seu, que a amasse de corrompimento e çujo amor e assy fortemente ho acendeo que o tirou de seu siso. E pospoendo toda vergonha se desnudou de mandar aa virgem de Deus consagrada e per elle mesmo muy bem emsinada e requerindoa per suas çujas paflavras e ora por afagos ora -por ameaças mostrandolhe sobejo rigor nom cessava combater o coração da virgem mas ella fundada sobre a firme pedra e muy forte no amor de Deus, callando primeyramente e orando ao Senhor por sua vergindade e alumiamiento do mestre e seendo em sy muy maravilhada de tanta malicia do diabo e desnodamento da fraqueza humana, seendo assy ,per elle combatida ameadadamente empugnada e atemptada^ armada do tenor de Deus e allumeada da sabedoria divina, assy lhe disse com muy grande quebranto e paixom do spiritu polla sua malicia:—O boom mestre, atee agora me ensinaste o caminho da verdade e ora me queres induzir ao caminho da morte, atee agora me avisaste e conselhaste a limpeza e a guarda da virgindade e agora me conseillas as villezas e çugidades e os conselhos do dialbo, mas tu sabe mestre que eu por virtude de iDeus ja uso de tanta razom e 'Deus me deu tanto entendimento e tu me has tam bem doctrinada e conselhada que eu sey que devo escolher, tomando o bem e fugindo do mal, e por cousa nem razom algua me nom poderás sujudar aos teu malvados conselhos, mas tu boom mestre toma toma sobre ty e agora toma para ty aqueles conselhos que sempre me deste e toma (para ty parte que a tua alma nom pereça e etemalmente seja emlaçada nos laços de sathanas, e has obras que per longos tempos conservaste nom queyras agora em hum momento e por húa vil delectaçom obrigar tua alma aas penas perpetuas.

Ve mestre ca como quer que boa obra seja emsinar as virtudes caminho da vida muyto melhor he seguila.

Veendo Remigio monge que a sancta virgem estava muy firme na virtude e que per nenhuma arte de pallavras nem per algua razom se movia, ardendo em si mesmo e cheo de mayor maldade e crueza, ensinado pollo maligno

(67) No texto: os.

spiritu cuydou por vingança de a emfamar. Porem compos huum çumo d'ervas muy artificiosamente o qual lhe mes tur ou com o (beber. Com a qual bebera ge m a sancta virgem começou de inchar pouco e pouco assy propriamente como se fosse preenhe e aver todolos sinaes de prehidom, seendo sancta virgem nom corrupta na alma e corpo.

(E oreceendo aquelle auctor da tanta maldade em sua mallicia, elle mesmo começou primeiro secretamente e depois mais pubricamente emifamar a esposa de Christo Eyrea, e desprezandoa elle mesmo e fazendoa desprezar a quantos a conheciam e escarnecendo de sua religiosidade, e todos fallavam délia, polio quai assy dos parentes como do abade iseu tyo e suas tyas e todas houtras pessoas que antes a amavam e requeriam seus faÛlamentos ja agora desprezandoa e reprehendendoa aviamna em odio e fugindo maldiziam delia. Mas a sancta virgem nom era menos maravilhada veenido crece er seu ventre e sentándose embargada, sabendo pera sua consciencia e havendo saa sua alma negava o concepto aaquéles que a perguntavam dizendo a verdade, mas nom lhe era cyda dando todos mais ffe :ao que viam que ao que ouvianv

E ouvindo Britaldo filho de iCastinaldo estas cousas, começou maya de arder em desejo da virgem e havendo muy grande yra dizia: Esta desprezou a my que assaz som nobre fazendo sua vontade com alguum vil como maa molher, o qual lhe sera causa de morte e porque meu coraçom outra vez se acende em seu amor demandadla ey e se ella se negar eu a mandarey matar, porque nom venha por ella em emfermidade.

Entom a mandou cometer prometendolhe aver se consentisse a seus desejos e por nom consentir ameaçandoa fortemente, mas a sancta virgem fundada em o iSenhor desprezou suas ameaças, pollo qual Britaldo vendóse desprezado falou com huum escudeyro de seu padre, homem de grande audacia e desnoddado, chamado Banã, e ho rogou que a matasse secretamente e a lançasse ao ryo porque seu fecto melhor se escondesse.

O qual se despos a comprir esguardando lugar e tempo. E espreitando vyo que depos as matinas em alvorecendo ha sancta virgem sayo de crasta e estava acerca da ribeira do rio orando e dando louvores a Deus encomendándose a elle muy devotamente e muy maravilhada de seus trabalhos e tentações e com muyta paciencia dando graças a IDEus. E aquelle secretamente entrou per outra parte e assy como lobo na presa saltou na virgem do Senhor poendo-lhe pano na boca porque nom bradasse trigosamente lhe tirou a cogula e leyxandoa em saya lhe meteo huum cutello pella garganta. E assi ha esposa de (Christo deu alma nas mãos dos anjos e se foy aos regnos etemaes.

E tanto que (foy morta aquelle lançou ho seu corpo no ryo de Nabam o qual o levou ao Zezere e o Zezere ao Tejo. E assy foy atee o monte e lugar de Cabilcastro que hora he dicto Santarém tomando tal nome e compoendose de Sancta Eyrea. IMas o matador da sancta virgem havendo falla com Remigio monje e sabendo ambos parte da verdade ouverom ambos grande contriçom porem foram demovidos a penitência e logo se partixom caminho de Roma onde confessando seu pecado fizeram fruytos dignos de penitencia e he de crer que tanto bem merecerom receber per intercesam e orações da sancta virgem sposa de IChristo Eyrea.

Vii[n]do no outro dia a menhã e nom se achando ha virgem, todos presumiam mal e diziam que por grande vergonha que ouvera se fora com alguun seu amigo que a empenhara e que jamais nom tomara. E os seus parentes e amigos eram muy tristes [de] tanto mal e infamia e sobre todos o abade seu tyo. E como homem discreto e sabedor nom julgava cousa e pedia ao Senhor em sua oraçom que lhe mostrasse que era fecto délia. E o Senhor piadoso que nom quis a sua sposa fosse em fama magoada nem aquelles que oravam nom fossem damnificados de maaos juyzos e sospeyta quis revellar todo ao dicto abbade e (foy em conhecimento de todallas cousas como acon-teceram.

Ho qual certo de tal fecto foy muy alegre e mays lhe foy dicto que fosse onde era o corpo sancto. E logo chamou e mandou todollos religiosos nobres homens e ajuda se deve presumir que ñaquél'la companhia ihyria ;Britaldo com fñiiy grande contriçom.

E assi todos se foram ao pee do monte Calbilorasto no Tejo onde agora, he a capella sobre ho poço do peeço de ;Sandta Eyrea. E loguo polia virtude do Senhor as aguas do Tejo se apartarom no dicto peeço e derom caminho enxuto atee o lugar onde jazia o sancto corpo posto e muy devotamente com-posto, honde sem duvida foy allojado per mãaos dos sanctos anjos.

Emtenderom que vontade era de Deus aquelle corpo ally jazer e assy foram certificados. E porem fizeram ally seus devotos officios e vigalias e tomarom religas dos cabellos da cabeça e das roupas que tinha vestidas poen-dolhe outros muy nobres panos. E sayndose fora, logo as aguas que per todo aquelle espaço estiverom en si congeladas se estenderom e cobrirom aquelle lugar.

Emtom se tomou dom abade e toda aquella devota companha compunta e com lagrimas de compaixam e mesturadas de tristeza e alegria e avendo muy grande soydade da virgem do Senhor e emtom se dobravam os gemidos a todos com lagrimas e soydade de seu amor e tomando ho abade em seu moesteiro per aquellas sanctas reliquias foram fectos muytos millagres e curados muytos cegos, gafos e mancos e de muytas outras enfermidades repayrados, aproveitando muyto en suas almas e corregendo suas vidas e costumes anima-dos e esforçados per taas cousas ao serviço do todo poderoso (Deus ao qual seja honrra e gloria pera todo sempre.

5. *Texto F* — Lições do Breviário de Évora, de 1528 ⁽⁸⁾

In natale Sancte Herene virginis et martyris

Lectio /• Beata igitur Herena nobilissima fuit progenie sed virtutibus; nobilior. Ab infantia sua Dei gratia repleta divinis semper inherbat studiis. Hec virgo erat pudica, pia, simplex, humilis, ieunatrix et exoratrix, nimium in sanctis lectianibus studiosa et in omni Dei servitio et Genetricis eius omniumque sanctorum devotissima permanebat. Tu.

⁽⁸⁾ Omitem todas as -referencias à família da santa e ao mosteiro*, onde a mesma teria estado.

Lect. II. Irrediotus autem (princeps Castinaldus ihabebat unicum filium suum Britaldum I⁽⁶⁹⁾) nomine, qui auuidiens Herene sancte pulchritudinem casu semel cum vidisset eam in eddlesia angustiari cepit fortiter in amore eius et tamen ob divinum timorem et (parentum suarum et domini abbatis ISelii reverentia non ausus vim amoris sui detegere tacendo amore amantium egrotavit. Tu.

Lect. III. Hanc autem egritudinem divina inspiratione ut sancita cognovit Herena statim Causa pietatis et humanitatis perrexit illuc et ad illum ingrediens, expulsis omnibus ia palatio, sola solum humiliter ac dlulciter sic affatur: Frater mi, hec infirmitas non est ad mortem sed ꝑDei miseratione salutem consequeris si ea que oculi tui ad damnum Ituum concupierunt ufltro dimittas. Eit ex his ditatis inpositisque manibus suiper eum discessit ab eo. Ille vero statim restitutus est sanitati^ Tu.

Lect. IIII. Posit rem huiuscemodi transacto biennio intravit sathanas in Remigium monachum magistrum Sancte Herene et in amorem sancte virginis tam acriter viscera eius extorruit quod 'deposito tpdore proprio eflAreniter sanctam virginem ad amplexus suos nephamdissimos invitaret. Et nunc Iblandiciis pro turpi scelere nunc minis mentem sanctam illius compulsabat. Tu.

Lect. V. filia coacta ad 'hoc sic ait: Magister optime, usque modo magistrasti mihi veritatem et timorem)Dei et omne bonum. Cave ne mihi ammodo magistres errorem et nequitiam dialboli. Magister bone, revertere ad omnia bona consilia que mihi semper tradidisti et ex eis tibi partem capias ne anima tua tam turpiter in laqueo isathane capiat. Tu autem.

Lectio sexta. Ille autem videns eam nimis constantem et nulla verborum arte posse falli, diabdlico repletus ingenio unius herbe succum nimis artificiose sibi in potum tribuit, que brevi tempore similem pregnamlti reddidit incorruptam. Tu autem.

Lectio octava j⁽⁷⁰⁾ Hec omnia Castinaldi filius cum audisset, zelotipiam sumens indignatus apud sernetipsum sile ait: Sine causa mortis hoc illa non fecit, que me spreto digniori alium admisit quasi meretrix amatorem. Certum enim habeo quod, cum iterum in amore eius incalesco et ea tfrui non potero, utilius est mihi ut ferro precipiam eam interfici. Tu autem.

Lect. IX. Tunc iterum pulsavit eam minis et precibus et repulsus iterum precepit cuidam militi ut eam latenter gladio perimeret. Qui miles protinus insidiatus est ei et, cum orantem post matutinas laudes ante crepusculum diei in (ripa fluvii eam conspexisset, accedens obturavit pannis os eius et

⁽⁶⁹⁾ No texto *Castinaldum*, que c o nome do pai.

⁽⁷⁰⁾ Omite a 7.^a lição, mas por erro de distribuição porque o texto está completo.

exutis vestibus pr̄eter melotam gladio confodit gutur eius et sic defunctam proiecit in fluvium. Tu.

(Bibi. Nae. de Lisboa, Res. 253 (P, fl. 383-383v.).

6. *Texto G* — Ofício 'do Proprio **ide** Lisbota, em 1536

As lições transorevem-se na íntegra, porque são mais completas que as dos textos latinos anteriores e devem ter sido utilizadas ipelo (Breviário de Évora de 1548.

Os hinos são iguais aos do Breviário Bracarense de Soeiiro (Texto B), com pequenas variantes, remetendo-se, portanto^ para ele com a indicação = B.

O resto do ofício !é, em geral, igual ao do Breviário de S. Simão da Junqueira ((Texto IDX iremetenido-se, neste caso, para ele com a indicação = !D, onde se aproveitaram variantes que, às vezes, o completam ou corrigem. Transorevem-se, (porém, as partes 'diferentes.

In festo Sancte Herene virginis et martiris

AD VESPERAS

Capitulum. (Fratres, iqui gloriatur in Domino.

Hymnus. !Collaudantes = B.

V. Ora pro nobis, Beata Herena. *R.* Ut digni efficiamur promissionibus Christi.

Ad Magn. ana. Absoluta carnali viniculo, scandit celum carens obstaculo, ubi sponsi perfluens l⁽⁷¹⁾(osculo saciatur vitali pabulo.

Oratio. = D.

AD MATUTINUM

Invitatorium, P. e Ps. = D.

Hymnus. 'Collaudare = B.

In primo nocturno. !Ant. e salmos = D.

V. !Specia tua et pulchritudine tua. *R.* Intende, prospere.

Lectio I. Passio Beate Herene virginis et martiris.

Tempore nobilissimi atque christianissimi !Castaldi et Cassic, coniugis eius, qui principabantur apud Nabantiam, fuit quedam monialis virgo, Herena nomine, nobilis progenie sed virtutibus nobilior. Remigius namque monachus religiosus et doctus docuerat eam tam litteras quam mores, sub gratia parentum suorum Hermigii et Eugénie, et domini abbatis iSelii^ qui frater Eugenie matris ipsius virginis extitit. Tu autem, !Domine.

V. e P. = D.

Lect. II. Erat in cenobio magno Beate Virginis Marie iuxta torrentem qui dicitur Effron. Super hoc cenobium versus aquilonem erant predicti Casti-

(71) Talvez por *periruens*.

naldi palatia ⁽⁷²⁾> cum ivi lia pulcherrima dicta Nabantia. Sub villa ista super Nalbantia vivebat Sancta Herena cum monialibus sacris quarum due sorores patois eius erant, a., Casta et Iulia, que ibi postea fuerunt sepulte in «singulis lapideis monumentis. Tu.

R., V. e P. = jD.

Lect. III. Ubi edificatum est opus parvum et pulchrum in modum arcuate domus. Sancta vero Herena consueverat semel in anno ad ecclesiam Beati Petri cum aliis monialibus orationis causa venire. Que eodlesia erat iuxta palatium /Castinaldi, ubi ipse fere [semper omnes] oras audiebat. Quam virginem videns, filius Castinaldi unicus, nomine Brita'ldus, concupivit eam et amore eius e grota vit* Tu.

R., PP. e VV. = D.

In II noct. Ant. e salmos = D.

V. Aiuvabit eam Deus vultu suo. *R.* Deus in medio eius non comovebitur.

Lect. IIII. Queruntur médicos sed non possunt scire causam egritudinis. Sancta vero Herena, «sciens divinitus unde ipse infirmaretur, visitavit eum et consolatur eum, dissuadet ei quantum potest quod concupierat. Tunc ipse: Si allii compleveris quod mihi negas, te percutiam gladio. Et illa: Absit hoc a me, frater mi, ut tuam vel alterius nefandam compleam (voluntatem. Et impositis super eum manibus et oratione facta, rediit in domum suam. Tu.

R. Herbe succus dm potum traditur, cuius haustu virgo conspicitur quasi pregnans, vulgus decipitur, iP. Siibire falsa dum verum creditur. *V.* Actor mali verum hoc asserit, virginalis sic fama deperit.

Lect. V. (Tunc iuvene sanato, referunt Deo gratias et Sancte Herene munera mittunt ei. Post hec, biennio elapso, intrat sathanas in Remigium monachum magistrum eius et concupiscit eam et modo blandiciis modo minis non cessat inquietare eam. Que coacta respondit ei: IScio, magister bone, usque modo ministrasti mihi veritatem et omne bonum, cave ne mihi amodo minis tres errorem, nequitiam diaboli. Tu.

Resp. e vers. = DI.

Lect. VI. IHe autem videns se nihili proficere, unius herbe succum ei im potum dedilt ei. Mox intumit venter eius ac si pregnans esset, et sic infamata per eum cepit contemni e obprobrio haberi., Hia vero admirans se asserebat virum non cognovisse sed venter tumens maiorem fidem faciebat credentibus. Quo comperto, iterum ipulsat eam minis et precibus. Sed passus repulsam, cuidam militi de curia patris sui amico suo speciali mandavit eam glaudio feriri et in fluvium proiici ut sic tantum facinus melius occultetur. Tu.

R. e V. = D.

In III noct. e salmos = D, mas V. Elegit eam Deus.

Lectio VII. Evang. = D, mas no fim: Homilia de historia.

Qui precepto eius adquiescens, inventam foris iuxta fluvium ipost matutinas cum staret in oratione |(não iala da morte) et decollatam sic in flumen

(72) No texto: *palasii*.

proiecit. Qui mox penitens cum (Remigio monacho iverunt Romam ubi ambo- sub penitentia mortui sunt. Deinde corpus sancte virginis per Nabam in Oze- carum et ex hoc in Tagum iuxta montem qui dicitur Calabicastrum per- venit. Mane facto queritur, sed non inventa cum aliquo recessisse iputatur. Tu.

Resp. e vers. = ID,

Lect octava. Sed Deus nolens ea in tam mala suspensione permanere, revelat totum factum abbati Selio. Qui cum monachis et militibus et aliis gentibus venit ad locum predictum. Tunc Tago[^] Dei virtute collecto ad se, ex ima parte apparuit solum illius quasi terra arida, ubi inventum est sancto corpori aptissimum sepulchrum. Tu.

Resp. e vers. = D.

Lect. IX. (Et cum eam de loco illo movere non possent, intelligentes quod eam (Deus ibi vellet sepeliri, celebratis exequiis eius cum honore debito, ad propria remearunt. Tollentes autem secum reliquiis sancti corporis ubi multi ceci, claudi, leprosi et diversas infirmitates habentes ex tactu reliquiarum affectu devotionis, Deo adiuvante, curati sunt. ICui est honor et gloria in secula seculorum. Arnen. Tu.

Termina apenas com o R. Deo gracias.

Te Teum laudamus.

IN LAUDIBUS

Ant. e salmos = D.

Capitulum. Fratres, qui gloriatur.

Hymnus. In hac die = B.

Ora pro nobis Beata (Herena. R. Ut digni efficiamur promissionibus Christi.

Ad Benedictus ant. = D.

Oratio ut supra.

Per horas diei ant. de Laudibus.

Ad III, VI, IX cap. et resp. brevia de Comuni Virginum.

AD VESPERAS

Ant. Adest dies... *cum reliquis de Laudibus.* Ps. de Virginibus.

Capitulum, Hymnus et VerSus ut in primis Vesperis.

Ad Maçn. ant. = D.

Oratio Deus innocentie custos, etc. *ut supra.*

I. Texto H—Lições dos Breviarios (de Évora (1548) e de Braga (1549)

S. Irene virginis et martyris

Oratio — Deus, qui celesti indicio beatam Irenam virginem et martyrem tuam ab infamia liberasti, concede propitius ut eius meritis a peccatorum maculis emmundemur. Per.

Lectio I — Tempore quo in Lusitania dynasta inclutus atque christianissimus Castinaldus, vir nobilis ꝫCassiae, dominabatur apud (Nabantiam insigne Scallabitani conventus oppidum, Irena virgo sanctimonialis, genere nobilissima, forma pulcherrima, mortem pertulit corporalem pro castitatis integritate super ripam Nabanis fluminis anno sexcentesimo quinquagesimo tertio ab incarnatione Domini Nostri Iesu Christi, cuius fides iam sparsa longe lateque firmiter tenebatur. Hec virgo erat pudica, pia, simplex, humilis, ieiunatrix, oratrix assidua, sanctarum lectionum studiosa, et in omni Dei obsequio devotissima. Tu.

L. II — !Remigijs namque doctissimus et religiosissimus monachus, eam tam litteras quam mores docuerat, sub gratia nobilium parentum eius Hermigii et Eugemiae, et abbatis Selii, qui frater Eugeniae matris ipsius virginis extitit, et in coenobio magno Beatae Virginis (Mariae) degebat, cum quinquaginta circiter monachis in coenobio iuxta torrentem qui dicitur Eifon, quia fit sine fonte, et sinuose labens, in Nabanem descendit. Supra quod coenobium versus aquilonem, in loco plano et eminenti, erant praedicti, Castinaldi palatia, cum oppido pulcherrimo dicto Nabantia, distante a fluvio iactu lapidis uno vel minus. Tu.

L. III — Infra id oppidum, sub Nabanem sancta degebat Irena cum castissimis virginibus, quarum duae sorores patris eius erant, videlicet Casta et Iulia, quae ibi postea fuerunt sepultae in singulis lapideis monumentis. Sancta vero Irena ex eo claustrum, semel in anno, in festo Beati Petri, cum ceteris virginibus, orationis causa, exire consueverat ad ipsius apostoli ecclesiam, quae iuxta Castinaldi palatia opere laudabili erat aedificata et sancitorum plena reliquiis, ad quam nobilissimus (Castinaldus cum proceribus suis et familia et loci incolis veniens divina officia poene quotidie audiebat* Tu.

L. IV — Hic autem princeps habebat filium unicum optimae indolis adolescentem, Britaldum nomine, qui audita prius Sanctae Irenae pulchritudine, quum semel eam in ecclesia vidisset, misere ex amore eius angustiari coepit, ob divinum tamen timorem et parentum virginis et abbatis Selii reverentiam, non est ausus vim amoris sui detegere, sed tacito more amantium aegrotavit. De cuius aegritudine parentes eius supra modum anxii diversorum undique medicorum opera quaerebant. Qui diversas morbi causas proferentes, sed verum morbum minime perpendentes, nullum aegritudini eius adferebant remedium. Tu.

L. V — Huius aegritudinis causam quum divina revelatione Sancta virgo Irena cognovisset, causa pietatis et humanitatis, ad eum perrexit et sola solum humiliter sic affatur: — Frater mi, haec infirmitas non est tibi ad mortem, sed ut Dei misericordia salutem consequaris, si ea quae oculi tui male concupierunt nequaquam ultra concupiscas.

Ad haec ille, Scio inquit, quod noris qua detinear aegritudine. Sic etiam noscas quod si ex ea moriar vel me spreto alium praeposueris, ego ipse vel alius pro me te gladio percutiet ut ultra non vivas.

Ad quae illa: — Absit, ait, a me, frater, ut tuam vel alterius nefandam unquam compleam voluntatem.

His dictis eoque consolato, impositisque ei manibus cum oratione, reservata est ad claustrum suum. Ille vero statim restitutus est sanitati Sanctae virginis

Irenae precibus. Quare parentes eius, in Irenae virginis gratiam, collegium illud virginum in maiori honore (habuerunt, illud muneribus et (privilegiis amplius honestantes. Tu.

IL. VI — (Post rem huiuscemodi transacto biennio, intravit sathanas in Remigium monachum ISancte Irenae magistrum, et in amorem sanctae virginis tam acriter viscera eius extorruit ut, deposito pudore, eam impudice compellaret. A qua quum graviter esset increpitus, diabolico repletus furore, perversoque ingenio maleficae herbae succum illi diam in (potum dedit. Qua potione, virgo incorrupta paulatim praegnanti similis intumuit* et infamiae nota non caruit. Ulla mirabatur, nesciens quod sibi accidisset, pudorem tamen suum et famam Domino commendabat. Tu.

L. VII — *Evangelium de communi.*

Haec quum Castinaldi filius audisset* motus zelotypia, rogavit quendam de amicis militem ut eam interficeret. Qui miles protinus illi insidiatus, quum forte post matutinas laudes, sub diei crepusculum, ad ripam fluminis orantem, suamque innocentiam iDeo commendantem adspexisset, irruens obturavit pannis os eius et, exutis vestibus prêter melotam, gladio confodit guttur eius, necatamque proiecit in fluvium. Protinus tamen poenitentia ductus, una cum Remigio monacho Roman adiiit et ambo sub poenitentia obierunt. Sanctum vero virginis corpus per (Nabanem in Ozecharum fluvium et ex eo in Tagum prolapsum est, donec pervenit ad montem qui Scallabis (Castrum nuncupatur. Tu.

L. VIII — Mane autem facto, quum non fuisset inventa, universi existimabant illam prae facti verecundia cum aliquo fugisse homine, quem sibi stupro conciliasse^ Deus vero nolens eos in tam sinistra suspicione (permanere, abbati Selio quae contigerant revelavit. Quibus cognitis ille gavisus valde, mixta tristitia cum laetitia, rem divulgavit et statim cum monachiis et proceribus et plebe numerosa venit ad locum praedictum. Tunc Tago ab immensa illa voragine, IDEi virtute ad sese collecto, ibi ex una parte apparuit solum quasi arida terra, ubi inventum est virginis corpus divinitus in aptissimo locatum sepulchro. Tu.

L. IX — Cumque de loco illo moveri non posset, intellexerunt Deo (placuisse eam ibidem sepeliri. Honorifice igitur et cum magnis laudibus sanctissimum corpus ibi sepelierunt, tollentes capillorum et melotae reliquias. Illis autem alveum egressis, Tagus expansis desuper aquis, magna cunctorum admiratione, ad limite suum rediit. At vero abbas cum reliquiis sanctissimi corporis ad coenobium reversus est, ubi multi caeci, claudi, leprosi et diversis affecti morbis, ex sanctarum reliquiarum tactu curati sunt ad laudem /Christi, cui est honor et gloria in secula seculorum. Arnen.

(i*Breviarium Eborense*, (Lisboa, 1548, columnas 1600-1606, *Breviarium Bracarense*, Braga, 1549, fis. 485v.-486).

8. *Texto I* — Ofício do Próprio de Lisboa, em 1598 e 1722

Festum S. Irenae Virg. et Mart. duplex

Omnia de communi virg. et mart.

Oratio. Indulgentiam. *In propria ecclesia,* Deus, qui coelesti indicio.

In primo noct. lect. de Scriptura occurrenti. Sed in propria ecclesia De Virginibus.

In II noct. Quoniam hodie natalis est virginis de eodem Communi

In propria ecclesia lectiones quae sequuntur.

Lect. III — Irena virgo nobili genere malta, patre quidem Hermegio, matre vero Eugenia, apud Nabantiam, insigne Scalabitani conventus oppidum in Lusitania, a «prima aetate apud religiosissimas Castam et Iuliam (patris eius sorores educata, monasticae (professionis institutum, amittentibus et congauudentibus amitis, summa devotione suscepit Remigioque monacho doctissimo et religiosissimo a Caelio abbate eius avunculo sanctissimo traditur, ut illam litteras et religionis sanctissimos mores, atque vitae perfectioris sanctimoniam edoceret. In quo virgo prudentissima et magnus (progressus faciebat, et in dies magis magisque ibat de virtute in virtutem. Flagrabat siquidem in eius pectore, charitatis benignitas, et virginitatem summo studio amplectabatur, illamque humilitas tuebatur, et cibi et ipotus parsimonia, vestium vilitate fovebatur, contemplationi, et orationi semper vacabat, solique Deo (placere satagebat,

R. Propter veritatem.

Lect. V — Erat eodem tempore Nabantia sub imperio incliti et christianissimi Castinaldi et Cassiae uxoris eius, quibus unicus erat filius Britaldus nomine, adolescens optimae indolis atque spei. Irena vero cum caeteris virginibus, cum quibus in monasterio degebat, semel in anno, in natali principis Apostolorum, ad ipsius celebrem ecclesiam, quae non procul a Castinaldi palatio sita erat, orandi causa se conferebat. Cum vero corporis eximia pulchritudine esset insignis, visa semel a Castinaldo, statim eius amore improbe captus, cum illum detegere non auderet, ita exarsit, ut in gravissimum morbum inciderit, ignotaque a medicis eius causa, vehementius ingravescebat. Quod cum Irena ex divina revelatione cognovisset, pietate ac humanitate commota, ad eum invisendum se contulit, et illum a nefario et improbo amore divinis suasionibus conatur avertere. Quibus Britaldus acquiescendum duxit, si polliceretur nulli alteri iprestandum, quod virgo facile promisit atque confirmavit; et impositis super Britaldum manibus, (pristinam adeptus est valetudinem.

R. (Dilexisti

Lect. VI — Transacto postea biennio, Remigius magister coepit etiam virginem deperire, et illam impudice compellere ausus est. Quae cum illum obiugasset de re indigna monacho, et magistro, ideoque maxime exosa: Non ferens Remigius repulsam, ira vehementer incensus malefice herbae potionem virgini sumendam praebuit, qua sumpta gestare alvum videbatur, unde virginitatis ipsius famam omnes laedebant. Quae cum Britaldus audisset, indigne ferens Irenam promissis non stare, militem adhortatur, ac iubet, ut illam incesto flagitio (pollutam occideret. Miles igitur, diotis et imperio Britaldi

obtemperans, cum Irenam ad ripam fluminis nocte orantem invenisset, gutur eius gladio confodit, coipus in fluvio demergit, et sic ipurissimus spiritus in coelum ald sempiternam et duplicatam virginitatis et martyrii coronam evolavit, decimo tertio Kal. Novembris, anno sexcentesimo quinquagesimo tertio a nativitate IDomini Nostri Iesu Christi. IMane autem Ifacto, increverat fama Irenam cum suo amatore aufugisse. Sed scrutans corda et renes IDEus, quae acciderant Caelio abbati maxime dolenti revelavit. Qui palam omnibus factum enarrat, et ad inquirendum Irenae corpus per Nabanem et Ozecharum, ad usque Tagum devenit. Iuxta igitur Scalabim, vulgo Santarém, veluit Iordami, Tago converso retrorsum, aparuit arida, et inventum est sepulchrum marmoreum, in quo virginis corpus conditum erat, multisque miraculis editis, maxime claruit. ICum autem iride sepulchrum cum corpore evellere conarentur, nec ullis viribus efficere ipotuissent, reversus Tagus, sepulchrum aquis iterum operuit.

R. Offerentur.

In III noct. hom. in Evang. Simile est regnum caelorum decem virginibus, de eodem communi ⁽⁷³⁾.

9. *Texto J* — «Misdaie propriae festorum» de Portugal e seus domínios, tem 1793

In festo S. Irenae virginis et martyris

Pro dioecibus Patr. et Alg., Brig., Ebor., Fluminis Jan., Helv., hei., Marian. ac S. Pauli ⁽⁷⁴⁾ *et pro tota Jurisdictione Thomar.*

Missa de Com. Virg. et Mart-

in Archid. Scalabitano et Jurisdictione Thomar, quia est patrona, dicitur Credo ac per totam octavam etiam in iestis. Et intra octava iit ut supra.

Pro D. Port. I(Porto). In testo S. Irenae virginis et martyris, Missa de Comm. Virg. et Mart. Me exipectaverunt.

(Bibi. (Nac. de Lisboa, Apêndice ao *Missale Romanum*, impresso em Lisboa em 1793, Res. 1265 A, Pp. iCXLIIV-ICXLV).

⁽⁷³⁾ Respectivamente em: *Oiicia propria Ulysiponensis Ecclesiae*, Lisboa, 1598, ffs. 33-34 v., e em *Oiicia Ulyssiponensis Ecclesiae ex consuetudine antiqua et concessione Xisti V, in eius Dioecesi recitari solita* Lisboa, 1722, pp. 159-162.

Este último texto tem os responsórios completos e acrescenta: «*Missa Me expectaverunt, de Communi Virginum et Martyrum*».

Depreende-se dele que houve inovações litúrgicas em Lisboa no tempo de (Sisto V !(1585-1590). Quanto a ¡Santa Iria, estas devem ter consistido em introduzir lições próprias da santa nas igrejas em que era titular, o que não estava em uso em 1590, urna vez que, no ofício publicado neste ano, a rubrica do segundo notumo diz apenas: «*Quoniam hodie natalis est virginis, IDE eodem Communi*» !(*Oiicia Sanctorum Ecclesiae Ulysiponensis ac totius iere Hispaniae propria*, Lisboa, 1590, fl. 67).

⁽⁷⁴⁾ Dioceses do Patriarcado, Algarve, Bragança, Évora, Rio de Janeiro, Eivas, Leiria, ¡Mariana e S. Paulo.

10. *Texto K* — «*Officia propria Dioecesium*» em 1876

In festo S. Irenae virginis et martyris.

Pro DD. Algarv., Ebor., Helv. et Bejen. Duplex maius. Omnia de Comuni Virg. (Mart., praeter sequentia.

Oratio. Deus, qui celesti indicio Beatam Irenam...

In primo nocturno. Lectiones de Comuni primo loco. De Virginibus.

In secundo nocturno. (Lectio IV. Irena virgo, nobili /genere...

Lect. V. ICum autem Irena ex «divina revelatione...

Lect. VI. Miles igitur, dictis Britaldi obtemperans, guttur Irenae ad ripam fluminis nocte orantis gladio confodit, decimo tertio kalendas Novembris anno a Christo nato sexcentesimo quinquagesimo tertio. Corpus autem in fluvium...»

Pro DD. Leirien., Patriarch. et Poftuc. Duplex maius.

Oratio et lectiones I et III nocturni ut supra pro DD. Algarb., etc.

Lectiones vero II nocturni ut seq.

(Lições quase iguais às anteriores e com a mesma data do martírio.

Pro ID. iB ri gant. Duplex.

Omnia ut pro DD., Lei riens., etc., sed lectiones primi nocturni de Scriptura occurrente.

Pro D. Portucal. Omnia De (Communi Virg. et (Mart. primo loco, sed oratio supra pro DD. Algarbii, etc.

Pro toto Archidiacon. Seal abit ano et Prelatura Thomar, quia est patrona, duplex I cl. cum octava ut pro D. Leir.»

(Bibi. Nac. de Lisboa^ Apêndice ao *Breviarium Romanum*, impresso em Lisboa em 1876, JR. 3489 V, pp. 89-93)¹

V — LIVRO DE HORAS ⁽⁷⁶⁾.

De Lisboa, do fim do séc. XV:

«*Santa Eyria. /Guarda se em Santarem*» ⁱ⁽⁷⁷⁾.

⁽⁷⁶⁾ Coloca-se no fim, por ser um devocionario particular e não livro litúrgico oficial.

⁽⁷⁷⁾ Bibl. Nac. de Lisboa, illum. 4, fl. 110 vj., Cf. (Albino de Bem Veiga, «Livro de Horas de Santa Maria», in *Actas do V Colóquio Ilnitemacional de Estudos Luso-Brasileiros*, III, /(Coimbra, 1966), pp. 425-433, e Mário Martins, S. J., *Guia Geral das Horas del-Rei D. Duarte* /(Lisboa, 1971)í, p. 40.